

NORDESTE

"São os do Norte que vêm..."

Evocação de BILAC

Luiz Delgado

TALVEZ meu primeiro contacto com Olavo Bilac tenha ocorrido quando meu irmão trouxe do colégio, como prémio escolar, o volume das *Poemas Inéditas*. Muita coisa iria constituir problemas para mim naquelas páginas ouvidas e lidas tantas vezes. Lembro-me ainda, por exemplo, que a música do verso não me deixava compreender que "uma avezinha"

("e, em breve, uma avezinha descuidada, batendo as azas, cai na escravidão...")

fôsse aquilo que eu conhecia como passarinho e não uma avezinha qualquer.

Depois vieram creio que os *Contos Pítrios*, mais perdidos na memória. E um dia, esses livros folheados às claras, em casa, em plena meninice, cederam lugar às *Poemas*, emprestadas no colégio e devoradas na sombra porque era tempo roubado ao estudo e era um calor de sensualidade perturbando a imaginação.

Entre as recordações dos meus quatorze anos, refugio a do entusiasmo em que me lançaram os versos alexandrinos d'*O Caçador de Esmeraldas*: ao terminar a leitura, não me contive e recomenciei-a em voz alta para meu Pai ouvir. E era tão rara em mim uma expansão desse gênero que guardo ainda hoje a visão do recanto onde estávamos no salão da casa que se destruiu depois e sei a espécie e o tom da luz que vinha da tarde esmecida e entrava pela janela.

Tudo aquilo foi copiado em meus cadernos, enquanto aguardava o dinheiro e a oportunidade para comprar o livro. Mas, não foi preciso: houve quem m' deasse, anos depois, numa edição que continha os sonetos de *Tarde*, a muitos das quais eu já conhecia e decorava.

Era, então, um tempo em que outros moldes poéticos haviam tomado conta do Brasil. Eu mesmo encantava-me com a pessoalíssima ternura de Ribeiro Couto, com as inovações de Guilherme de Almeida, com os epigramas de Ronald de Carvalho. A crítica de Tasso da Silveira levava-me para o simbolismo; olhava de perto as revoltas de Cruz e Souza, movendo-se em turbilhões, e a melancolia de Augusto dos Anjos, definindo-se em termos de científico arrevezamento. A sensibilidade tinha, portanto, novos pontos de referência, banhara-se em outras atmosferas, percorreu outros mundos. E isso me tranquilizou quando descobri que o coração permanecesse sempre fiel a Bilac.

SUMARIO

ARTIGOS de Luiz Delgado, Maurilio Bruno, Gilberto Osório de Andrade, Haroldo Bruno e Mário Sette.

CONTO de Valdeci Freire Lopes.

POEMA de Tomaz Seixas.

REPORTAGEM de Luiz Túrra.

BIBLIOGRAFIA — Aderval Jurema.

DESENHOS de Gonçalves Pereira e Luiz Teixeira.

E que não houve nenhum exclusivismo nas idolatrias poéticas de minha adolescência. Em certas épocas, outros poetas foram-me mais queridos do que ele, a ponto de serem pretendidamente imitados. Fui sempre capaz de desejar que Bilac não houvesse escrito determinadas estrofes, inclusive no próprio livro *derradeiro* que é não sómente a coroação de seu gênio mas a frutificação de sua alma: sonetos como os que ele fez a propósito de Dante ou de Beethoven, nunca os pude aplaudir. E não custaria apontar, menos visíveis mas inequivocos, certos truques de escola, certos artifícios, certos vanos que o espírito do tempo favorecia e explicava mas que prejudicam, por isso mesmo, o valor perene daquela poesia.

Pois, é necessário dizer isto a toda gente, sobretudo aos mais moços: aquela poesia é perene.

Olavo Bilac conciliou em *Tarde* uma beleza literária e uma gravidade interior que dão aos seus poemas o som austero e nobre das coisas definitivas. Nessas alturas de sua obra poética, ele não é apenas um episódio no curso de nossas letras, é um fato de interesse para os eruditos mas sem alcance nem sentido para as nossas almas; antes, incarna o advento de uma mensagem humana, menos analítica do que a de Machado de Assis mas igualmente profunda e séria e bem mais vibrante e simpática. Machado, escrevendo em prosa e colocando-se por isso mais acima de versateis modas técnicas, merece a admiração unânime: Bilac não a merece menos. Sua arte é de uma honestidade e de uma grandeza equivalentes, ao exprimir os horizontes novos que a idade vai criando em torno dos corações, a mudança dos cuidados e dos sentimentos, a como aparição de sentidos mais sutis para aprender um universo mais misterioso.

Há, com efeito, um estudo a fazer sobre o modo como Bilac sentiu e expressou os seus temas, a maneira que envelhecia, impregnando-se de uma diferente atmosfera moral. Mesmo quando a atitude artística é a mesma, como no caso dos motivos históricos, o esplendor externo e formalcede lugar no estremecimento com que ele avança nos recessos das almas. Uma distância enorme estende-se do "Lendo a Ilíada", sócio da primeira fase, ao "Edipo", da última.

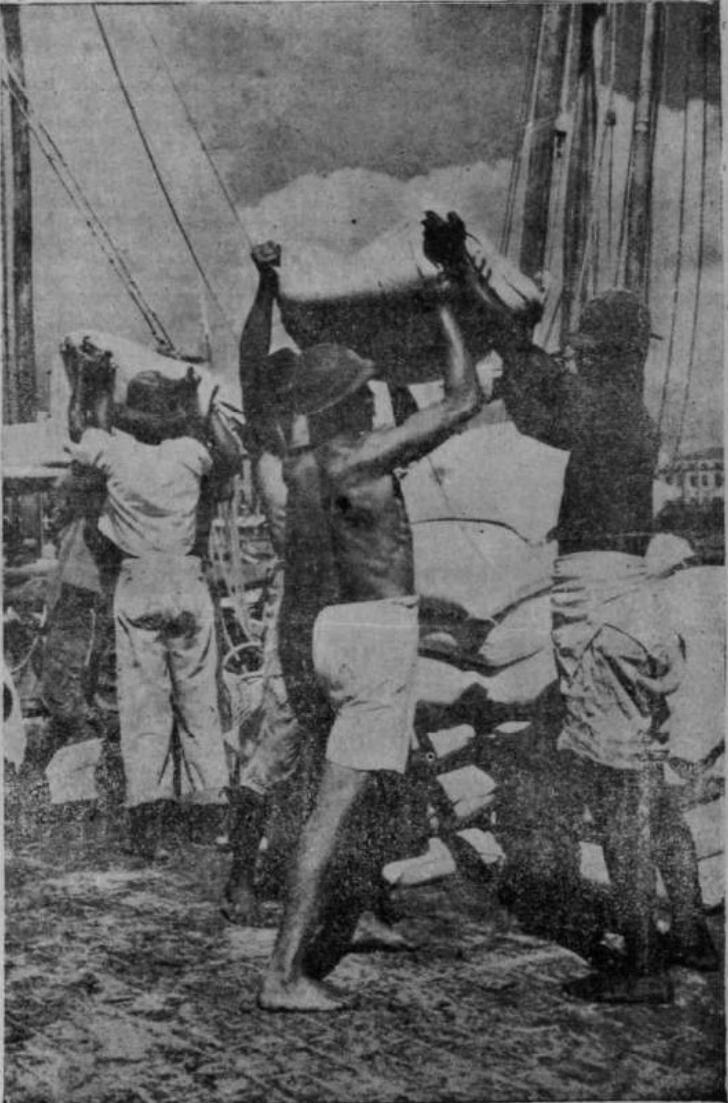
Ocorre o mesmo com relação à natureza. A princípio, ela era um assunto a descrever ou, quando muito, o cenário onde se desenvolvia uma história — o rio que rola de vaga em vaga ou as águas em que

teus pensamentos
Lá vão! Lá vão levados os meus sonhos!
Lá vai levado todo o nosso amor!

Depois é que vem, com a natureza, uma identificação de outro gênero, íntima e melanconíca:

Nuvem que me consolas e contristas,
tenho o teu gênio e o teu labor ingrato:
essas arquiteturas imprevistas
são como as construções em que me mato.

Nunca vemos misérrimos artistas,
n vitória dás-te impeto insensato:
a um sopro bemfazejo, que conquistas!
a um hábito cruel, que desparato!



Este belo flagrante de Berzin, da coleção da Diretoria de Documentação e Cultura, retrata um aspecto característico de Recife: a descarga de açúcar, de barcaças que provêm do interior per-

íodo, :: nambucubano ::

Nuvens de terra e céu, brincos do vento,
vai-se-nos breve a essência no ar varrida...
Irma, que importa? Ao menos, um mo-

mento,

no fastigio falaz de nossa lida,
tu nas miragens e eu no pensamento
somos a força e a afirmação da Vida!

Essa aproximação entre o esforço intelectual do homem e o ilusório trabalho da nuvem não era apenas tristeza: era o desvendamento de novas glórias. O vale era outro símbolo, estruído mansamente entre as montanhas, coberto pelas vozes dos rios que anunciam o crepúsculo, enquanto os pântanos descem do céu como se fôssem as estrelas e, no espaço entre as lavouras, as casas humildes acolhem os homens que cessaram as suas tarefas.

E num recolhimento a Deus oferto
o cansado labor e o inquieto sono
de minhas povoações e de meus campos.

Nessa atitude espiritual, não cabe mais a isenção que seria a frieza parnasiana, e a forma só atinge a sua plenitude porque deixa de ser aquela "deusa serena, serena Forma", invocada na Profissão de Fé. A poesia de Bilac chega a ter acentos panfletários, quando cita os matués e as amazônias, quando increpa aqueles

morubixabas de ambições astutas
que, em desgraçadas e mesquinas lutas,
desgovernais misérrimos países...

Mas o que, principalmente, ilumina estas páginas finais é o sentimento da transitoriedade da vida e da fatalidade da morte, fundindo-se na tragédia que é a realização moral, o destino do homem.

Há um amor que enche a maioria dos poemas, inclusive no primeiro Bilac, amor feito de fúria sensual ou de fantasmagoria verbal, a tal ponto que os poetas se calam a seu respeito quando a idade torna ridículo

(Continua na 2a. página)

NORDESTE Institue Um Grande Concurso De Romance

A aceitação que NORDESTE mereceu do público e, particularmente, dos intelectuais, não foi para nós, que a fazemos um motivo de simples desvanecimento, quando não de vangloria; foi, antes de tudo, uma advertência das responsabilidades que assumiamos ao encetar esta publicação.

Desde muito, faltava em Recife uma revista deste gênero. De um lado, a necessidade de um ponto de reunião dos valores locais, de um órgão de imprensa em que, sem reclamação de quaisquer pontos de vista pessoais e sem influência de qualquer outra preocupação a não ser a da cultura, encontrasse êles estímulo pela comunicação de seus trabalhos; de outro, a necessidade de divulgar, um pouco, fóra de nossas fronteiras administrativas, o esforço intelectual que em Pernambuco se processa — eis ai as duas circunstâncias que deram inesperado relevo ao nosso empreendimento.

Confessamos que eram mais modestos os nossos intuições. E à adaptação, que se fez imperiosa e urgente, da revista ao ambiente que em torno dela assim se criou, devemos al-

guma alteração do nosso programa primitivo.

No entanto e para atender desde logo ao caráter amplamente regional que se deduz do seu próprio título e aos seus motivos de incremento literário, NORDESTE resolve lançar imediatamente as bases de um concurso de romances e novelas.

Pensamos, contudo, que aqueles escritores que lutam com dificuldades de publicação de seus escritos, em nossos Estados nordestinos onde não existem empresas editoriais do vulto que o nosso desenvolvimento geral exigiria. Não de ser êles, no entanto, os continuadores de uma das tradições mais vivas da cultura brasileira: a que se reflete não somente na reconstituição ou na interpretação das originalidades da nossa existência dentro de seu áspero quadro geográfico, senão também na vitalidade de que o Animo criador dos ficcionistas, dos ensaiistas e dos poetas nascidos de Alagoas ao Maranhão, introduziu como um confluinte riquíssimo na literatura brasileira. Muitos conseguiram firmar os seus nomes nas letras pátrias; outros, porém, os que apenas começam, lu-

tam com obstáculos frequentemente desesperadores. Para ajudar a estes últimos, instituímos certas restrições em nosso concurso. E convém não esquecer, ao lado disso, as barreiras que nosso próprio caminho de publicação exclusivamente literária e em começo de vida, se levantam.

Será o nosso, por isso, o concurso de uma revista nova para escritores novos. Não terá grandes prêmios: será, porém, um gesto de companheirismo, uma ajuda cordial que esperamos venha a fecundar algum inicio de carreira gloriosa.

AS BASES

O concurso NORDESTE estará aberto até o fim do ano, encerrando-se no dia 31 de dezembro de 1947 o prazo para recepção dos originais na redação da revista.

Serão aceites romances ou novelas, inéditos e cujo texto deverá constar de, pelo menos, duzentas páginas datilografadas em espaço duplo, em papel de tamanho almasso.

Os concorrentes serão escritores nascidos ou residentes na região compreendida entre os Estados do Maranhão e de A-

lagoas, região que será também o cenário do livro.

Serão excluídos escritores que tenham mais de dois livros publicados.

Os trabalhos dos candidatos serão entregues em quatro cópias: assinados com pseudônimo. O nome do autor virá em sobrecaixa fechada em cuja frente se terá escrito o pseudônimo e que só será aberta para identificação dos premiados.

O julgamento será atribuído por um juri composto de três escritores, preferencialmente do sul do país, cujos nomes serão divulgados com o resultado final.

O critério fundamental o julgamento será a capacidade de criação artística e de expressão literária.

Poderão ser conferidos até três prêmios, com ou sem classificação de ordem numérica, a juiz da comissão.

Verificando-se que o candidato ao ser identificado, não preenche as condições constantes deste regulamento, ficará insubstante o prêmio conferido.

O prêmio constará da edição pela revista NORDESTE dos livres classificados, cabendo aos autores o saldo das edições.

NORDESTE

MENSARIO DE CULTURA

Editedo pela Empress JORNAL DO COMMERÇIO S. A.

Número avulso Cr\$ 3,00

Número atrasado Cr\$ 5,00

Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 346

Representante no Rio: Rui Duarte
Representante em São Paulo: Aziz Elhimes

Editor: Esmaragdo Marroquim
Redator-chefe: Aderval Jurema
Gerente: Fernando Barros Lima
Chefe de publicidade: Paulo Gomes da Silva

Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independente de crítica assinada.

Solicitamos permuta com as publicações congêneres.



* * * * *



Marco um acontecimento de grande significado para o progresso comercial e urbanístico do Recife, a recente inauguração do EDIFÍCIO SAEL, no bairro de Santo Antônio. As fotografias acima fixam alguns aspectos do interior do novo e moderno edifício devido à corajosa iniciativa e espírito empreendedor dos diretores da "Sociedade Auto-Elétrica Limitada".

A Festa está na porta!

Mário Sette

A FRASE poderá ser ainda de hoje, mas era muito mais corrente há cerca de cem anos.

A Festa estava na porta isto é, o verão começava e urgia cuidar da casa no arrabalde, para nela se passar o Natal. Mais do que hoje, essa exigência de uma "temporada no mato" se fazia sentir porque as habitações na cidade fossem os sobradinhos ou as "casas imprensadas". Ansíava-se por um terraço ou copiar, por umas árvores, por um rio, pelo ar livre a entrar de oitões a dentro.

Ía-se passar a Festa em sítios hoje pouco distantes do centro: João de Barros, Madalena, Espinheiro, Afogados, naquele tempo de transportes morosos, um "fim de mundo".

Com a inauguração dos trens suburbanos, outros trechos rurais foram sendo povoados com maior densidade, principalmente nos meses calmosos, logrando renome — Caxangá, Monteiro, Apipucos.

Já não se precisava recorrer à canoa ou ao ônibus a cavalos, raros, custosos e incômodos.

O trem corria desde as manhãs até às noites, em horários regulares. Assim, a afusinada dos "passadeiros de Festa" intensificou-se. Obtida a casa, arrumavam-se os móveis e utensílios essenciais e deixavam-se a cidade. A anemia de uma esposa, após o parto; o reumatismo do chefe da família; a magreza de um rapazinho; o nervoso de uma filha, eram razões imperativas para o veraneio.

Esse nervoso, meu caro,
É' molestia já da moda,
Se Xiquinha não engorda
Se Mariquinha emagrece
E' o nervoso que cresce.

Se Belinha toma sustos
De qualquer capoadinha,
Da menina, coitadinha,
E' preciso se cuidar,
Banhos, banhos e de mar.

Quando não fôsse a sedução de uma vizinha que já alugara chalé no Poco ou no Caldeirão.

Olinda veiu a ser preferida, depois. O banho de mar teve voga posterior à do rio. Ao obtê-la, porém, não saciou mais a ambição de prestígio e deu mesmo a essa viagem um cunho de luxo e ostentação comentado pelos cronistas e vates coévos.

Mas, lembre-se que esta terra
Já não hé qual dantes era;
Só aqui o luxo impera
Só vejo rendas e fitas,
Fivelinhas exquisitas.

Assim, se D. Quitória
Quiser seus banhos tomar,
Que não venha se embrigar
No seu chale costumeiro;
Gaste mais algum dinheiro!

Indisfarçavelmente esse ambiente de maior requinte de elegância foi imitado pelos demais centros de veraneio. Festas religiosas e profanas — públicas e domésticas — em todas elas requereram esforços de indumentária, de arte, de sociabilidade que mereceram dos publicistas elogios e ditaram, quando não reparos moralistas.

A seção "Bom-dia" do "Diário de Pernambuco" inseria em uma edição de 1857 estes tópicos:

PERNAMBUCO.

Página Acusa

BOM-DIA

As festas de arraial. Há neste mês que regularmente se fazem em nossos arrabaldes as festividades das diversas capelas. De-

ano em ano mais luzido se torna o apparo campestre que preside estes festejos e mais numerosa a concorrência que oferece o campo. Este innocent costume que de há muito se acha arraigado entre nos, reputamo-lo uma necessidade para todas as classes da nossa sociedade. Os ardores de estio que afugentam para o campo tantas famílias, despertam nelas o desejo de esquecer por algum tempo os trabalhos da vida, entregando-se a innocentes distrações sob a influencia de uma atmosphera mais branca e mais fresca, e por conseguinte mais restauradora e saudosa.

A doce e candida harmonia a que se entregam as famílias do arraial, as novas relações de amizade que por essa occasião se abrem, fortificam e consolidam as laços sociais e fazem desmaiar algumas tantas as negras cores da intriga que separam os homens e os constituem inimigos uns dos outros. A prática de festejar por esse tempo padroeiros de cada arrabalde depõe altamente em favor da religiosidade de nossa terra e da moralidade de nossos costumes. As festividades constituem o passatempo mais caro aos visitantes da cidade, e todos sabem que he justamente mais concorrido e povoado durante a festa o arrabalde cujo padroeiro tem melhor festejo. A carestia de todos os generos mais necessários à vida não tem arrefecido o ardor das festas de arraial, e parece até que se preocupa nas frescas brisas do campo, e na cristalina aguia do Capibaribe e Jaboatão, suavizar a acrimonia dos negros cuidados que a situação inspira. As festas do Poco, Santo Amaro, Jaboatão, Apipucos, etc. se anunciam como o mesmo, senão com maior estreito; e as estradas que conduzem a estes aprazíveis remansos do prazer e da felicidade oferecem aos domingos o mais bello e variado espectáculo. Ha uma multidão imensa e feliz que se arremessa por elas, cheias de galas, em procura dos bellos campos e das gratas harmonias da sociedade. He certo que o luxo já passeia pelo campo e que as sedas customas e os ornatos de subido prego já gostam de por em lucta com a verdura do arvoredo e com as lindas petalas das flores; mas o que querem? Depois que temos tanta vehículos que facilmente nos transportem para fora da cidade era impossível que vícios desta não fôsssem tomar o seu lugar entre os costumes innocentes da aldeia. Não importa, quem gasta he porque pode ou porque lhe dão; ou ainda porque... não sabemos. O que he certo he que o sr. luxo tanto tem de ostentoso como de traigoero; fise-se quem quiser nelle e depois quem poder que pague as custas.

O luxo a passar pelo campo com as "sedas customas e os ornatos de subido prego" já alterando os "costumes innocentes da aldeia". E para manter-se esse aparato trem da vida havia os que não podiam exhibir as boas origens dessas ostentações. Isso era em 1857. Como se perpetuam os costumes e as críticas?

Os atrativos dessas temporadas explicavam sacrifícios e o resto. A esas arrabaldes iam ter companhias de teatro, algumas francesas, e os clubes de danças abriam salões para bailes e saraus.

O de Monteiro virou muita cabeça de 1870. O cronista elegante do "Correio Pernambucano", em seus rodapés preciosos, de quando em quando voltava às festas daquela sociedade, para descrevê-las com a vontade de quem nelas encontrava mais do que um passatempo e um assunto.

Dante das jovens a dançar ele expressava-se em francês:

*On brune ou blonde
Pourquoi choisir?*

E não deixava de sorrir-lhe a velha poética:

Tem perfume essa boca mimosa
Que um azul beija-flor do vergel
Já tomou-a por folha de rosa
E uma abelha por favo de mel.

Quasi todos os arrabaldes preferidos para o passeio de Festa tiveram seus hotéis, de-

notando a atração dêsses recantos para os que não podiam ter um této próprio.

Esses hotéis anunciam-se nos jornais exaltando suas condições de conforto, alguns com frases em francês. O de Caxangá publicava longo reclamo digno de ser reproduzido valendo por um instantâneo do tempo.

GRANDE ATENÇÃO

Hotel Caxangá

João Pereira dos Santos Faro, proprietário do Hotel Caxangá, e seu gerente, vem por meio deste faver ao respeitável público que acaba de construir um bonito predio, o qual, com bastante trabalho, concluiu agora a razão pela qual faz o dito predio, e montou este bonito estabelecimento foi a seguinte. Achando-se elle quasi a morte e sem mais esperanças de ter más saúde o seu médico o Ilmo. Sr. Dr. Teixeira e outros o mandaram para este lugar, afim de ver se elle ficaria melhor, no menos para hir no vapor seguinte para a Europa, sucede que o levaram num carro, dessa forma quasi não podia andar; chegando lá no fim de 15 dias somente com os ares do grande Ca-

xangá melhorou logo e de ahí a um mês estava robusto e bom; mora lá ha dois para três annos e nada mais sofreu. Por tanto dedicou-se a edificar este predio e montar um grande hotel com todas as commodidades para qualquer creature que se achar com qualquer incommodo ter neste multigrosso lugar onde more com toda a decencia e limpeza, afim de ficar bom e ao mesmo disfrutar. Este hotel está com todo o respeito e acie que qualquer o pode trair a verdade. Tem trinta quartos, sendo destes dez que tem um grande quarto de 30 palmos e uma sala ainda maior com camas proprias para casal e todos mobiliados com decencia. Também tem um grande salão com bilhares elegantes, os melhores que podem haver para intrerter os viajantes, tem outro grande salão para jantar, tem duas belas salas ornamentadas com quartos, alcovas, com camas bem preparadas, somente para famílias descansar, tem mais um salão para pessoas reservadas jantar e almoçar, separadas da mesa redonda; enfim a respeito do Hotel Caxangá ninguém que leia este acridular, só vendo: este estabelecimento está aberto desde Dezembro do anno proximo passado. O proprietário tem lutado com grandes dificuldades afim de achar quem o ajude; porém Deus que nunca falta a quem promete lhe mostrou agora um amigo que apesar de ainda não ter grande prática porem tem as qualidades necessarias para saber servir e tratar a todos bem, cujo Sr. faz suas vezes na sua ausencia e está encarregado de todo o cargo do mesmo hotel: portanto João Pereira dos Santos Faro pede a todos seus amigos e viajantes que venham ver e que con-

sumam afim de ir avante o seu nonito projeto e que serão muito bem tratados em tudo e por tudo, porque os tracta como amigos e não como hospedes. Tâmbem pede ás pessoas que lhe fizerem encomendas de quartos que se acham prompts até o fim deste mês, tanto para as famílias como para rapazes solteiros, e que os previne afim de que elles venham até o fim deste mês, do contrário os dará a quem primeiro aparecer, afim de não perder seus ingressos e servir a todos, porque elles não chegam para quem quer. Do 1º de mês de Outubro em diante haverá todos os dominigos musica e bom entretenimento para quem for passar o tempo.

Numa estampa do antigo Apipucos, do lapis de Schapli, alias curiosissima, percebe-se bem num prédio ao fundo do quadro o distico — Hotel — talvez o que se anunciasse com o nome de Hotel Union de Apipucos.

A um dos de Caxangá faz referência Rodrigo Otávio num livro de memórias, tendo por ele também passado Nilo Peçanha, Pardal Malet, e talvez Castro Alves, aclarados a darem vivas à mestra, à contra e à diana de algum pastoril local. Os recifenses sempre fizeram dessa "Festa" que lhes batia à porta mal as chuvas cesavam e Setembro entrava, com muita luta e já um calorinho, seria deliciosa fuga para a visinharia das árvores e das águas. Elas compensavam de sobre aquéles três ou quatro meses numa morada tóscia, dormindo-se em "cama de vento", guardando-se roupas em baixos ou cabedéis, sem as commodidades do palacete ou do chalé da cidade. Mas com o chamariz social das novenas, das festas na visinharia, das gostosas frutas, do banho no rio, dos contactos mais fáceis



Um aspecto da Recife dos velhos tempos

xangá melhorou logo e de ahí a um mês estava robusto e bom; mora lá ha dois para três annos e nada mais sofreu. Por tanto dedicou-se a edificar este predio e montar um grande hotel com todas as commodidades para qualquer creature que se achar com qualquer incommodo ter neste multigrosso lugar onde more com toda a decencia e limpeza, afim de ficar bom e ao mesmo disfrutar. Este hotel está com todo o respeito e acie que qualquer o pode trair a verdade. Tem trinta quartos, sendo destes dez que tem um grande quarto de 30 palmos e uma sala ainda maior com camas proprias para casal e todos mobiliados com decencia. Também tem um grande salão com bilhares elegantes, os melhores que podem haver para intrerter os viajantes, tem outro grande salão para jantar, tem duas belas salas ornamentadas com quartos, alcovas, com camas bem preparadas, somente para famílias descansar, tem mais um salão para pessoas reservadas jantar e almoçar, separadas da mesa redonda; enfim a respeito do Hotel Caxangá ninguém que leia este acridular, só vendo: este estabelecimento está aberto desde Dezembro do anno proximo passado. O proprietário tem lutado com grandes dificuldades afim de achar quem o ajude; porém Deus que nunca falta a quem promete lhe mostrou agora um amigo que apesar de ainda não ter grande prática porem tem as qualidades necessarias para saber servir e tratar a todos bem, cujo Sr. faz suas vezes na sua ausencia e está encarregado de todo o cargo do mesmo hotel: portanto João Pereira dos Santos Faro pede a todos seus amigos e viajantes que venham ver e que con-

entre os sexos, e, por isto, dos noitados resultantes.

A Festa era de largos préstimos...

Ela, porém, com a ameaça do inverno, encerrava seu reinado annal. Voltavam à cidade os veranistas, com os seus trastes e trouxas. Os arrabaldes como que emudeciam, melancolicavam-se. Tudo era recordação e saudade.

Havia alguma alma que nêles ficasse cheia de evocações, com o pensamento em "algum" que se fôra. Talvez traduzam sentimentos assim êstes versos de antônio:

Tudo fala de ti, neste retiro:

A casa, a mata, os pássaros, a brisa,
O sol, a terra, a noite, o dia e a friza
Que no céu traça a lua no seu giro.

Tudo fala de ti, e um teu suspiro
Eis tudo que me cerca se divisa.
Como que o rio plácido deslisa
Mostrando tua imagem quando o mira.

Não mais com tua voz doce me embala
E no meio de tantos esplendores
Tudo fala de ti... mas não me fas!

A Festa criava êsses poetas líricos que cantavam na suas amadas ora as trevas ou os bailes em que elas se mostravam com seus dengos e louçanias.

Contudo em dias mais distantes dessa

(Conclue na pág. 18)

TERRA e POVO

NO ROMANCE de JORGE AMADO

Haroldo Bruno

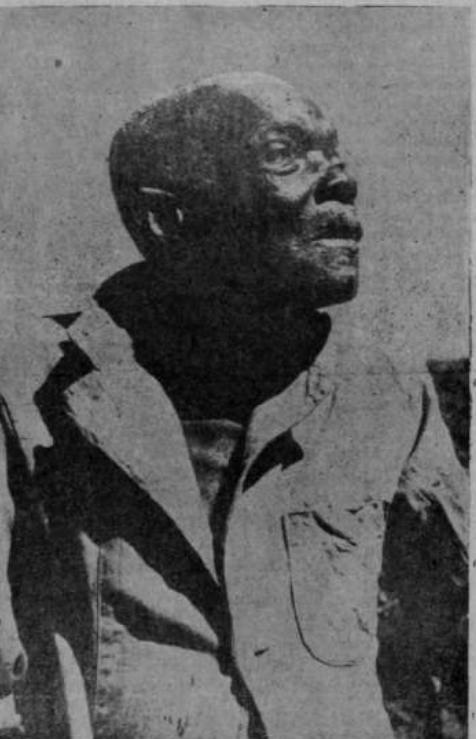
JORGE Amado é o tipo do chamado homem da terra, que levou para sua obra não sólamente os problemas regionais e a gente da Bahia, mas que revelou o mais profundo do sentimento e da realidade social do nordeste brasileiro; que soube criar uma verdadeira arte social, e também uma poesia, com largos fundamentos no povo. E' bem um daquelas romancistas das quais se diz que têm força telúrica mexendo no sangue, e sabem traduzir a luta de milhões de homens para estancar os efeitos dumha sociedade bastante fechada, desigual, hostil, que é inútil dizer seja a nossa. Seria como se através dele também se mostrasse os desencontros dramáticos da raça. Sendo essencialmente um elementarista, alguém que estivesse imbuído daquele sentido de pura terra — expressão que encontro em YERMA e que tão bem se ajustaria ao próprio Frederico García Lorca, o grande poeta e sobretudo o grande homem assassinado num muro de Granada, mas perpetuamente vivo no coração do povo embora uma vez por outra algum farisaísta exaltado, na mais orgulhosa estupidez literária, procure sujar a sua memória sujando-se a si mesmo. — por isto é que seus romances, dos primeiros aos últimos, teriam fogo-semente de ser revolucionários. Ou então as tais influências determinantes de meio, de raça, de formação histórica, não passariam de conversa fiada. Que dizer dos escritores russos como Tolstoi que antes mesmo da Revolução de Outubro já se deixavam arrastar, espontaneamente, sem ideia preconcebida de rebeldia, pelos conflitos do seu povo? E não falo de escritores russos por acaso mas querendo intencionalmente sugerir as várias afinidades que deparo, a cada momento, entre o povo russo e o nosso. A propósito dos COSSACOS, de Leon Tolstoi e principalmente da MAE, de Máximo Gorki, salientava eu em nota escrita em 1933 ainda hoje conservada inédita, a respeito deste meu ponto-de-vista talvez mais político que de teoria ou axiologia culturalista, o seguinte que Gilberto Freyre mais tarde confirmaria por si mesmo, com a sua autoridade de sociólogo: — "O povo brasileiro é psicologicamente muito parecido com o povo russo. Não é de admirar portanto que a literatura brasileira siga um desenvolvimento quase paralelo à da Rússia e ambas se identifiquem pela mesma orientação social, pelos mesmos anseios humanitários, apresentando situações ou ideias comuns. Isto naturalmente mais como decorrência de condições históricas, sociais e econômicas semelhantes, que não ousaria entrar em explicações". Continuava desejando indicar como a heroína do romance de Gorki, a mãe obscura e sofredora do Brasil; as mulheres que por aqui no sertão morrem de necessidade agarradas ao filho, como me lembravam as mulheres das estepes. Sobre a história dos cossacos me surpreendi daquelas expansões livres do gênio popular russo, das palavras rudes de tio Erochka, da força juvenil de Olenine, da organização das stanitsas, das mulheres obedientes, das relações sentimentais dos homens, das danças e cantos — muita coisa bela e muita coisa ruim que falavam do Brasil.

Pois Jorge Amado, leitora, pertence à tradição dos Tolstoi e dos Gorki. A literatura para ele ou para Lins do Rego, tanto quanto para os slavos mesmo da era do tsarismo nunca poderia ser uma criação intelectual abstrata; que não fosse mergulhar as raízes no solo, que não se inspirasse na vida de todos os dias, que não tivesse um sentido de interpretação do seu tempo, da sua terra, do seu povo. O contrário aliás não poderia se dar. Jorge Amado é figura das mais representativas da corrente regionalista, que nem sempre se resume ao estudo documentário de uma estrita região, ao seu modo todo peculiar de vida social e humana, aos seus costumes na cér absolutamente locais, em que infelizmente vemos degenerar grande parte de nossos novos romancistas, mais interessados em fornecer diante tudo um quadro pitoresco, quasi jornalístico, do que transmitir aquela concepção literária que, fugindo às preocupações esteticistas que o lugar-comum já batizou de torre-de-martim, mas sem perder o objetivo supremo da arte, baseia-se na terra, no povo, na tradição, para dêles tirar a verdadeira substância. Terra e povo seriam como uma massa plástica sobre a qual a arte deixaria suas impressões duradouras, porém nunca entidades observáveis que anulassesem por completo a personalidade individual, que impedissesem os escritores de manifestar abertamente os impulsos de sua criação, reduzindo-as a fiéis servidores daquilo que os sentidos retivessem no seu passado pelo mundo e a sensibilidade de morta não conseguisse reproduzir ou transformar em colinas de beleza. Neste conceito de literatura que busca o homem em função de seu meio geral, — a que, se houvesse precisão, dever-se-ia designar, antes de literatura social, sociológica — e bem longe dasqueles relatos sécos com que muitos repórteres, em linguagem de simples noticiário, pretendem cada vez mais contribuir para a sua deformação crescente, está situada a obra de Jorge Amado.

O caráter regionalista e as tendências sociais que hoje dominam quase toda a estética brasileira, que vai da poesia à pintura ou à escultura, criou — permitam-me esta insistência — com as suas facilidades aparentes, uma subliteratura das flores. Tão ridículo quanto foram as subliteraturas romântica e naturalista, e os seus garotujadores tão medíocres como um Macêdo e um Júlio Ribeiro, escritores que se atualmente ainda são lidos e citados é porque indicam uma época, servem de informação. Este fenômeno de grosseiro desvirtuamento de uma escola ou de um gênero se verifica, de maneira diversa e mais acentuadamente, em relação à poesia moderna: muitos poetas mais jovens procuram escrever nos moldes de 22, parados, indiferentes a menor evolução do modernismo, cujo movimento, hoje só nem um "modernismo" razoável, amplamente enriquecido como está por recentes experiências renovadoras, como as que realizaram Joyce ou Faulkner no romance, Franz Kafka na novela, Lorca no poema trágico, pela restauração do canto coral grego, e portanto na poesia, onde os símbolos têm um

valor cósmico, a terra falando pela boca do homem, já devia ter sido estudado e classificado de outro modo; pois, uma coisa é certa, não vivemos literariamente mais sob o signo do modernismo, nossa geração está criando uma nova corrente de arte mais profunda que a modernista. E' ilícito como se sentiriam contemporâneos dos Márrios de Andrade e não soubesses separar o ortodoxismo, — de resto um ortodoxismo bem justificável no caso pessoal do autor de MACUNAIMA, que foi sempre por exigência de temperamento, por irreverência espontânea, um demolidor sistemático de todos os modelos clássicos, — o elemento superficial transitório do movimento suscitado pelo célebre Semanário de Arte, — não uma semana nem um mês, um longo período de elaboração tumultuária, prejudicado um bocado pela falta de serenidade e pelo gosto morbido de originalismo de alguns, mesmo de Mário de Andrade da primeira fase, da PAULICEIA DESVIRADA — daquelle que nela havia ressentimentos de nacional, de humano, de permanente. Sem querer me desviar mais, cito apenas o sr. Antônio Rangel Bandeira como alguém que tendo, sem dúvida, certa inspiração poética, deixou-se perder muito no desvario dos modernistas experimentais, desvario com que estou aliás de pleno acordo, na situação ou momento histórico em que se deu a eclosão modernista, mas não reproduzi agora em poemas que se salvaram se fossem menos "acadêmicos".

A verdade para quem desconhece quanto o romance assim chamado social é complexo, nada mais fácil do que pegar numa banda de papel e ir ajuntando modismos, cenas curiosas, pornografia — as tão condenadas pornografia que as vezes, no seu devido lugar, constituem meios insubstitui-



Cento e quatro anos de idade... (Foto Berzin)

veis de expressão, e se pecam pelo lado secundário da moral têm inegavelmente um grande valor poético. O interesse é informativo, a intenção é o novo, o senssacional. A arte que se arranca por outra parte. Será com certeza desta atitude de incompreensão que os restos da arte metafísica, querer dizer, daquela arte existindo acima de condições especiais e de temporalidade, ainda conseguem impressionar alguém e os seguidores da literatura social e regionalista, no bom sentido, são muitas vezes acusados de iconoclastas, de deturpadores da arte junto das falsas romancistas regionais e sociais. O mal que essas alteradas fazem é enorme. Dá mesmo razão a que desacompanham inteiro esta espécie de romances. E por desgraça parece que o número dos reporteiros aumenta enquanto raream os Jorge Amado e os Lins do Rego. Simples relatórios de acontecimentos sem importância passados em alguma rua de alguma cidade do interior, mais ou menos incompreensíveis para os moradores da cidade vizinha, vão tomando o terreno dos Romanos da Bahia e os Círculos da Cama de Açúcar, visão ampla da terra e da sociedade. No abuso desses limites subregional, na crônica "nossa" de fatos provincianos, tirando a vida corriqueira, descendo a detalhes descriptivos inúteis, é para onde se orienta a produção da maioria dos jovens romancistas.

A ação dos romances de Jorge Amado jamais se circunscorreia a ambientes fixos. O movimento, a variedade de aspectos e incidentes de que se reveste o destino de seu personagem, homens de todos as partes do Brasil, levam o escritor a mudar constantemente de cenários, a realizar saltos. O espírito de aventura que traz Tonfick, o árabe, para

fazer contrabando nos portos do recôncavo, que manda os homens se amarem, ou mistarem-se ao mesmo tempo com a violência de uns bichos, que os arrasta sempre a uma vida perigosa, — este é o clima que encontramos como nas melhores novelas universais de aventura. E o resultado é a ruz se perdendo na cidade, a cidade se perdendo por suas estradas infinitas que vão se emaranhar pela floresta ou alargarem-se infinitamente no mar. Nas seios claros da Janaina, dominando as águas do mar plúmbeo nas noites de tempestade e vendaval do norte — sómente no norte, porque nunca pude imaginar Iemanjá na baía de Guanabara, penteando os cabelos compridos —, ai, onde uma voz solitária, plangente, canta num forte velho que "é doce morrer", os marujos, os mestres de navios, as prostitutas querem descansar o corpo. O mar-irmão, mar-mãe e amante de MAR MORTO e a floresta tropicamente solene de TERRAS DO SEM FIM ampliam a perspectiva dos romances de Jorge Amado e, simultaneamente, unificam o extenso horizonte de sua ação. Explique-me por estes caminhos homens e coisas do norte inteiro se encontram.

Não deixaria de haver muitos pontos de contacto entre Jorge Amado e José Lins do Rego, mas o que ressalta logo é que ambos estão fazendo uma obra ciclica completamente inédita entre nós. E uma obra que reflete admiravelmente o primarismo de nosso homem, de nossa terra, de nossa cultura. E porque os romances de Jorge Amado se entendem além das fronteiras físicas a toda uma área de sociedade ou cultura, porque a ação dos seus romances não está presa nos muros de uma rua nem de uma cidade, é que o autor de JUBIABA pode muito bem se chamar ao lado de um Lins do Rego, o romancista ou até mesmo o poeta do norte e nordeste brasileiro. Os mestres de saveiro, o Recôncavo, centro da vida proletária da Bahia, os senhores e escravos das grandes fazendas de cacau, costumes e episódios que ele descreve, tudo isto adquire nas suas páginas, com as variantes locais, um tom de sintese geral da vida nordestina. Não foi só a ocasião que pensei descobrir em algum daqueles seus personagens mais fortemente caracterizados, disposta de vida suficiente para se imporem à nossa memória como seres reais, independentes das reações psicológicas mais intensas de cada um, pessoas que eu mesmo conheci nas zonas pobres do Recife ou da qual os mais velhos me falavam inexistente, que qualquer um de nós pode encontrar no dia em que for conviver com a mesma gente nos mesmos lugares que Jorge Amado escolheu para motivo de seus romances. Não dispõe a explorá-los com a fria intenção de demagogos, mas reconstruindo o seu próprio mundo, o mundo do seu povo e do Brasil. Um gema menos romanesco, um mulato pernóstico como dentor Filadélio, um velho macumbiere como Jubijabé — o melhor pal-de-santo já transportado à ficção — os capitães de areia, os gigantes de TERRAS DO SEM FIM com aquelas impressionantes figuras dos Barárdas, Rosa Palmeirão a de navalha no cinto, ou uma moça simples como Lívia, posso dizer que fazem parte também do meu mundo. Não são criaturas que não pudéssemos encontrar unicamente na Bahia. Eu as encontro aqui mesmo na capital ou nos engenhos e fazendas de Pernambuco.

Não conheço pessoalmente Jorge Amado, porém pelo que me dizem amigos do romancista, acho que seus romances só poderiam ser isto mesmo: o retrato físico e espiritual de uma ou mais regiões que sendo, certamente, as mais expressivas da cultura e do homem brasileiro, no que elas possuem de radicado às tradições e aos valores da terra, no que elas têm de próprio e original, se transformam no retrato mesmo do Brasil. De um Brasil apenas entrelaçado pelos náufragos líricos, um Alencar ou um Gonçalves Dias, e, posteriormente, descoberto e analizado, com profundezas e certo espírito universalista no modernismo compreendido pelo regionalismo de Recife, que foram, saliente-se de passagem, principalmente o retorno à terra dos nossos escritores, continuando através destas últimas gerações numa espécie de renascimento constante, renovado de nós todos como indivíduos e como um padrão de cultura. Em Jorge Amado, para quem lhe conhece a vida e sabe como ele é ao inverso de muito intelectual snob é um sujeito realmente do povo, das coisas e da terra brasileira, esta perfeita integração nas fontes primárias e populares de nossa vida que, será a constante de seus livros, de tal modo que só pensamos nele para colocá-lo antes de tudo na corrente universal dos escritores que têm uma terra e um povo determinados, junto dos Tolstoi, dos Garcia Lorca, dos Gorki, dos Lins do Rego e dos Gallegos, esta compreensão em sentir e pintar como um homem de cavernas ou de taba, na plenitude dos instintos, na comunhão mágica com as forças da natureza, com espontaneidade e quase um impulso cego de criação, os acidentes da terra, as paixões primitivas, o lírico rude e o dramático que não são produtos de uma cabeça culta mais uma comunicação direta com a grande terra e com os homens em estado de pureza intelectual: — isto não é mais do que um prolongamento sincero do homem na sua obra e uma quase imposição de sua natureza orgânica. Dizem ainda que é um dos cidadãos mais populares da Bahia; que quando ele volta a Bahia depois de uma dessas ausências tão longas no sul ou no estrangeiro, o povo recebe-o de braços abertos, sentindo-o no peito, como recebeu outrora Rui Barbosa, debaixo de manifestações ruidosas. E com muito mais razão deve receber agora a ele, Jorge Amado, que nunca tirou das vistas a imagem de ruas, de pátios de mercado, de igrejas, do cais do pôrto, de xangôs e candomblés; que sempre foi um apaixonado de sua terra, embora dela esteja quase sempre afastado milhares de milhas, ao passo que a água de Hala talvez só se lembrasse que era bahiano quando botava os pés na terra fóia da Bahia e via, enternecidio, a massa ardendo com o seu verbo chamejante. Com mais razão fôsem vê-lo em casa mulheres e homens do povo — insisto — porque nela está toda uma miniatura viva da Bahia e do nordeste, porque nela a Bahia e o nordeste cantaram e reclamaram alto. Nem resta dúvida que o povo sabe pagar o interesse que lhe devotam os escritores, lendo e admirando os seus livros, conservando-os e exaltando-os como alguma coisa delle mesmo. E a verdade não quer dizer que um artista rompendo completamente os laços com o povo, não seja mais do povo, e o povo não tenha mais direito sobre ele, de desprezá-lo quando a trilogia for maior, isso explicando o medo que eles têm pelo chamado "público" que outra coisa não é senão o povo.

Ora esta divida de gratidão para com Jorge Amado não pertence unicamente ao povo bahiano. E' também uma dívida nossa. Levando aos seus romances a Bahia, levam automaticamente Pernambuco e todos os demais Estados do norte que formam numa só paisagem geográfica, o mesmo

Lourdinha colocou o termômetro na gaveta e foi até a varanda. O vento balançava de leve os eucaliptos enormes e finos. O Laus fizera uns versos sobre os eucaliptos. Eram assim... Já não se lembrava. Estava se acostumando a não pensar e não se recordava daquilo que queria. Não importavam os versos; eram bonitos e falavam do "vento acariciando as longas folhas dos longos eucaliptos".

Tipo engraçado aquêle Laus, com as suas manias, o seu humor. Dez anos de tuberculose.

O cemitério lá longe, bem defronte do Sanatório, o sol se escondendo atrás dele. Parecia o entérro do sol, avermelhado, lembrando hemoptises. D. Elza morrera assim, botando sangue, sem poder dizer o que queria. Seria algum segredo? Ou D. Elza que-

ria apenas despedir-se? Ela estava agora ali no cemitério. Qual seria o seu túmulo dentre aqueles pontinhos brancos? D. Elza era gaúcha. O clima do Rio Grande, a umidade que há por lá, deixaram-na doente. Fôra a primeira morta que Lourdinha vira em seus vinte e três anos. Guardara bem aquêle rosto branco contrastando com a seda preta que lhe envolvia o corpo. Fôra o primeiro choque também. Os médicos e os veteranos não se emocionavam, mas Lourdinha ficou muito triste. Nesse dia conheceu o Laus. Ele a encorajara, fizera uma preleção sobre tuberculose, a doença que mata o corpo tornando cada vez mais forte. Contara quase toda a sua vida, mostrara alguns dos seus desenhos. Começara daí a sua admiração por ele, admiração desinteressada. Laus andava perto dos quarenta. Além disso era casado.

A cidade ia acendendo as luzes. Alguns rapazes voltavam do passeio da tarde. O cinzento do Sanatório confundindo-se com a noite, enorme e silenciosa.

* * *

A capela era ao mesmo tempo biblioteca e sala de reuniões. Lá ficava uma vitrola antiga, já fanhosa, e alguns discos. "Alone", um fox triste que embalara algumas gerações de tísicos, era o mais querido, talvez por sugestão do nome.

A biblioteca contava uns duzentos volumes, quase todos oferecidos por doentes que se haviam curado ou lá deixado pelos que morriam. As Irmãs iam "selecionando", e, de quando em vez, faziam desaparecer volumes "indecentes". Havia um "EU" de Augusto dos Anjos que por milagre es-

capara a todas as depurações. Esse livro, como "Alone", era preferido por grande parte dos doentes, e estava sempre pelos quartos. Talvez se devesse mais a isso de que a um milagre a sua permanência na biblioteca.

* *

Ao lado da capela era o quarto do Laus. Da porta, sentado em uma cadeira de palhinha, uma almofada à frente, ele assistia à missa nos dias em que estava com espírito religioso. Não às missas de dia de semana: essas, celebradas às seis da manhã, eram quase que exclusivamente para as Irmãs. Aos domingos, porém, a missa era uma obrigação. Fazia parte do dia, e todos, mesmo os que não eram religiosos, passavam ali alguns momentos de meditação. Depois era o poker, o xadrez, o pate papo no quarto do Laus. Comentava-se o último filme ou o melhor romance; falava-se mal ou se elogiava a coragem de alguém que morrera como herói.

* *

Em frente ao quarto do Laus estava o do Roxo, um ex-jockey que ficara doente fazendo regime para perder peso. Embora de níveis intelectuais opostos, havia vários pontos de contacto entre eles. Ambos zombavam da vida, à espera da morte; e morreram ali, um defronte do outro, o Roxo primeiro, o Laus depois. É difícil dizer qual dos dois sofreu mais, qual das "fólias de serviço" terá valido mais. Roxo fizera várias operações e guardava com todo o carinho, na gaveta da mesa, um pedaço de sua costela. Não pretendia, por cre-

to, transformá-lo em mulher, mas esperava ainda fumar um "camel" em uma piteira feita do seu próprio osso.

Tinha os seus momentos de irritação, o que não acontecia ao Laus, mas, havia várias justificativas para isso. Amigos de Roxo, lá no Sanatório, apenas os companheiros de doença, os médicos, as Irmãs. Nenhum parente o acompanhava ou visitava. Eram todos de condição modesta demais para isso, e mesmo o Sanatório não era pago por eles.

Na morte, continuou sozinho, sem fazer alarde de que ia morrer. Foi como que uma compensação pelo que já sofrera.

* *

Padre Sérgio era um libanês enorme, de coração maior que o corpo, e que chorava só em falar nos pais, bem velhos, que haviam ficado na Europa. Identificara-se tão bem com os doentes que poderíamos chamá-lo de tísico honorário. Dando uma de suas gargalhadas ou contando uma anedota, nos prestava, a nós e a Deus, muito maiores serviços do que certo frade cabishorro que ameaçava de morte próxima os doentes que não queriam confessar-se.

Padre Sérgio foi transferido, o Roxo morreu, depois o Laus. A Lourdinha hoje não olha mais para o cemitério nas tardes calmas de Belo Horizonte.

Março — 1946.



Imagens do Sanatório

Valdecir Freire Lopes



INDA não havia aparecido, no Brasil, o poeta sem preconceitos, que sentisse plenamente a poesia dos homens comuns, que vivem simplesmente, alheios a tanta autocritica espalhada pelo mundo como verdadeiro sistema métrico de pesos e medidas a todas as atitudes, gestos e modos de vida, familiar ou pública, dos homens chamados modernos, no padrão mais planificando da civilização do século. Parece mesmo que os poetas do passado, em geral, tinham medo de se aproximar do homem verdadeiro de carne e osso, receando ver desmoronar-se uma concepção ideal que, sobre elas, haviam criado, ou sofrido de uma repugnância tóida específica pelos odores e aspectos da natureza humana, e por isto haviam imaginado um coração que quasi nada tinha do orgâno sensível e parecia mais formado de uma matéria plástica especial, tendo em torno dele levantado o seu mundo de inspiração lírica. Fora disto, muito pouca coisa se prestava à poesia, como os seios ou o sorriso de uma mulher, desde que fossem evocados, com muitas delicadezas, dentro de certos arranjos de cenários com sedas, rendas, perfumes suaves, presenças de anjos e de "nossas senhoras". E era só. O resto estava na categoria do prosaico, vulgar, burguês, quotidiano.

Quem tentasse fazer versos se afastando desses motivos consagrados, estaria sujeito a ser chamado de grosseiro, de anti-poético, de sujo até. Nada de paixões comuns; nenhuma concessão às formas familiares. Era o princípio universal adotado. Isto era no tempo em que a poesia constituiu mais um exercício puro de retórica e de arte literária, obediente a leis de convenção, do que mesmo alguma coisa sentida, viva, comovente, exaltada. Depois ela foi se libertando, nos poucos, tornando-se independente das regras que a oprimiam, mas ficou sempre um certo preconceito de origem atormenta-

Poesía Viva

Maurilio Bruno

Andrade encontrou nelas um lirismo, uma substância poética comovedora, pela sua integridade espontânea e natural.

Outros poetas já haviam se interessado pelos homens dessa classe. Castro Alves defendeu os escravos negros, mas falara só em linguagem de brancos, palavras que só brancos entendiam e afinal de contas era a elas senhores brancos que interessava o entendimento, porque iriam conceder o prêmio da liberdade. Castro Alves, o épico brasileiro, foi a voz que se levantou diante dos senhores de pele branca, para defender corajosamente os negros, porque o seu sentimento de justiça se revoltara em face da escravidão de homens. Mas não se pode dizer que Castro Alves tenha feito poesia negra com sentimento de negro, alma de negro. Ao passo que, sem a mínima idéia de estabelecer um paralelo entre poetas o que seria mesmo difícil de admitir, sobretudo tratando-se de poetas com tragos tão acentuadamente pessoais de inspiração e realização poética, podemos dizer que nos versos de Carlos Drummond de Andrade se identifica logo a poesia do homem do povo,

"tido" é uma pura história de amor, com renúncia e finalmente com essa sensação de felicidade que os simples sentem nas mínimas coisas da vida, nos detalhes que à primeira vista de espíritos mais ou menos deturpados por conceitos estéticos muito preconcebidos superiores, figurariam como coisas brutais, pesadas, grosseiras, ofensivas à delicadeza e bom gosto de ambientes e almas refinadas. "O caso do vestido" é uma realidade lírica cuja unidade é obtida pela soma de todos as suas parcelas equitativamente distribuídas na totalidade do poema, de modo que é um prejuízo o seccionar esta unidade, fazendo transcrição de alguns versos. Sendo um poema longo, a dificuldade de reproduzi-lo no espaço limitado de uma crônica, impõe quasi a copiar dois ou quatro versos onde se condensa um pouco a singularidade da aludida poesia popular, embora logo venha o arrependimento de sacrificar essa unidade. Neste caso serveriam de exemplo aqueles versos em que a mulher conta às filhas o acontecimento da volta da felicidade com a volta do marido à vida conjugal, a que o

não existia mais e era somente o caso de um vestido de seda e de uma beleza e mocidade passadas. É a história de um piano e sendo o piano um instrumento musical de família, de aristocracia e até burguesa, que vai desaparecendo, de gente que está morta, de família que é uma coleção desbotada de retratos, de recordações antigas e de coisas que sucedem, inexplicáveis, malassombradas, de uma tecla que bate em horas de sono e ninguém sabe se é um rato ou o vento, piano preto, forma escura que recusa a melodia se não de moça fere as suas teias, ele ocupa um lugar da sala com as suas memórias, e o poeta angustiado, presente, conclui afinal:

"E' um antigo piano, foi de alguma dona, hoje sem dedos, sem queixo, sem música na fria mansão. E' um pedaço de velha, um resto de cova, meu Deus! Nesta sala Onde ainda há pouco falávamos."

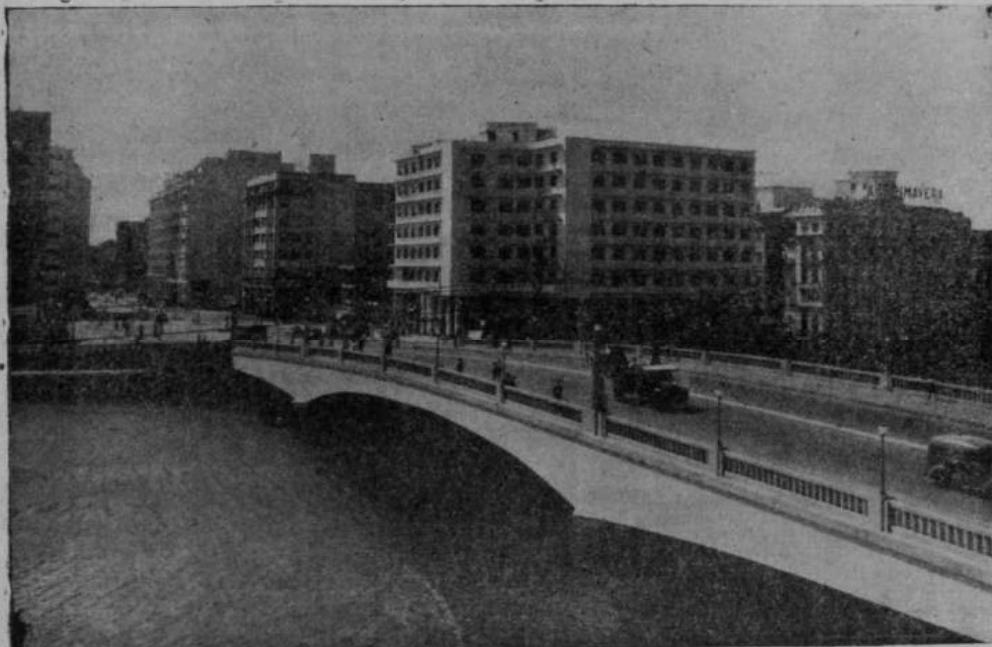
Nota-se que o poeta luta por enterrar ou sente que tem de desaparecer esse mundo passado, da sombra do piano preto, mas afinal um homem não pôde, assim de repente cortar laços tão fortes de tradição. E' humanamente impossível, e mesmo há néo, ainda, poesia tentando o poeta:

"Uma família, como explicar? Pessoas, [animais], objetos, o modo de dobrar os linhos, o [gosto de usar] este raio de sol, e não aquela, certo [copo e não outro, a coleção de retratos, também, alguns livros, cartas, costumes, jeito de olhar, formato de [cabeça, antipatias e inclinações infalíveis: uma fa- [milia, bem sei, mas dásse piano ?

O poeta não se detém no enigma do piano, que é uma coisa do passado e a vida está gritando nos seus ouvidos e tem diante dos seus olhos grandes acontecimentos. Hitler quer conquistar o mundo e avança sobre a Europa para escravizá-la. Invade o solo russo mas o heroísmo obstinado de Stalingrado deixa-o estarrado de medo e de pavor, e o poeta, empolgado e comovido ao mesmo tempo, humaniza a cidade, enche de conteúdo humano cada pedra de calçamento de suas ruas e de suas paredes. Depois entra na penumbra de um cinema e a tela se ilumina e Charles Chaplin, um homem do povo, fica ligado a ele "por filamentos de ternura e riso". Acompanha o homem do povo que é Carlito, fala-lhe do amor que os brasileiros lhe têm e dedicale um canto que não é "discurso" ou "acento burguês", mas um canto dos "homens comuns". Canto que se estende por muitas dezenas de versos, verdadeira narração de toda uma existência de homem do povo, que viveu e sofreu e recusou a falar até o dia em que não pôde mais suportar tanta revolta dentro dele:

"E mida dízias. E um bolo, um engulho formando-se. E as palavras subindo. O palavras desmoronadas, entretendo [salvas, ditas de novo. Poder da voz humana inventando novos [vocabulários e dando sopro aos exaustos. Dignidade da boca, aberta em ira justa e [lamento profundo. Crispação do ser humano, árvore irritada, contra a miséria e a fúria dos ditadores. O Carlito, meu e nosso amigo, tens sa- [patos e teu bigode caminharam numa estrada de pó e esperança".

(Conclui na pág. 18)



O RECIFE MODERNO — Aspecto do bairro de Santo Antônio. (Foto Berzin)

tando a maioria dos poetas, que ainda se conservavam constrangidos fora de suas inexpressivas torres, junto dos homens, sentindo o seu bafo, sem poder esquecer o cheiro do cigarro ordinário e do suor, da barba crescida, e das mulheres e crianças doentes, raquiticas e amarelas.

Melhor estariam em suas torres, olhando-o através de um binóculo ou somente imaginando como deveriam ser, o que era melhor ainda. A poesia díles, assim, sairia assada, alegre ou, quando triste, de uma tristeza que não repugnava, que exibia sofrimentos de um modo discreto, velado, para não provocar sentimentos fortes, violentos ou repulsivos, todes anti-poéticos, mas destinada, apense, a despertar uma sensação cintzenta de tristeza. Contudo, quasi propriamente, excessões vinham aparecendo.

Só agora, porém, o poeta Carlos Drummond de Andrade (1), na minha opinião, realizou a aventura de descoberta do mundo de poesia simples dos homens comuns, que se distinguem singularmente por suas profissões, seus hábitos, sua maneira de viver seus prosaismos. Sentimentos e emoções dos homens comuns que nunca interessaram aos poetas, que eram mesmo olhados com desprezo. Carlos Drummond de

com a mesma linguagem, os mesmos modos peculiares no dizer as coisas, os mesmos geitos tão naturais, que permitem dar a leitura de alguns dos seus versos — os de caráter mais acentuadamente íntimo — certas entonações de vozes familiares ao mesmo tempo que contribuem para uma verdadeira reconstituição de coisas com pessoas reais e ambientes conhecidos.

Verdadeira poesia doméstica, de intimidade de família, de problemas sentimentais de esposa, de marido, de filhos, de drama que não precisa certas cōrtes, certos artifícios literários para tomar sentido supletivo de intensidade, que se conserva sem traços de sensacionalismo, natural, com a pura essência poética que ele mesmo possue é a do poema "Caso do vestido", dos mais expressivos desse mundo descoberto pelo poeta Carlos Drummond de Andrade. O poema é talvez o mais original e mesmo revolucionário, do seu livro ROSA DO POVO, não só pelo conteúdo lírico de um acontecimento vulgar que na poesia brasileira ainda não havia entrado, mas sobretudo pela linguagem, tanto um quanto o outro o acontecimento em si e a linguagem, sem terem perdido nada de sua normal significação.

Para a gente do povo, "O caso do ves-

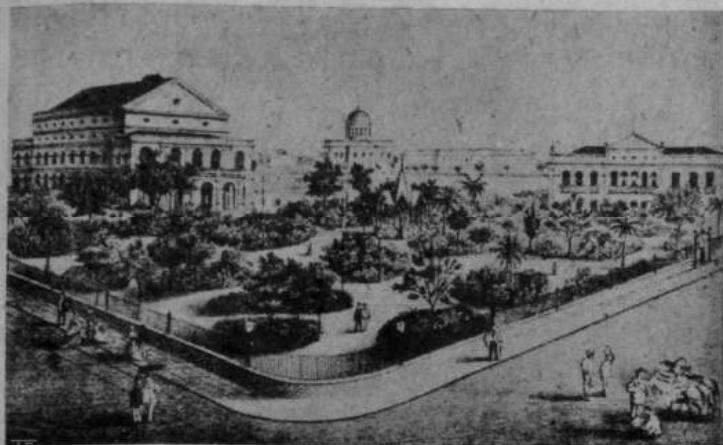
rido" estava tão ligado, vestido de uma dona que o atraía, sempre o mesmo homem "que comia meio de lado e nem" estava mais velho", e a ele se referindo dizia:

O barulho da comida, na boca, me acalentava,

me dava uma grande paz, um sentimento esquisito

de tudo ter sido bonito, vestido não há... nem nada.

Também de intimidade doméstica, história evocativa e até um tanto misturada de fantasia o que bem a distingue do "Caso do Vestido", que é história presente, atual: de fato real, acontecido na vida comum, é outra história, de sombra, do poema "onde há pouco falávamos". Diferente do anterior, ele não é a história de uma "dona" e de um homem que deixou o lar para ir atraídos dessa "dona" e voltou quando ela já



FRANZ HEINRICH CARLS, natural de Osnabrueck, Alemanha, era F. H. Carls, do delicioso Album de Pernambuco — talvez o primeiro album de gravuras editado por aqui. Um album que fixa aspectos do pôrto, da cidade, dos arredores; com tudo isso se apresentava em fins do século XIX; com aquêle ar tão bom de simplicidade, de pacatez, de doce serenidade; serenidade e pacatez nos homens e nas coisas.

Esse F. H. Carls era decerto um homem bom e simples a quem o Brasil atraiu e Pernambuco fixou prendendo para sempre a ele e aos seus descendentes.

Aluno de uma academia de Belas Artes, na Alemanha, veio primeiro à Bahia, e depois para Pernambuco, onde fundou a sua litografia denominada F. H. — Carls. Daí saiu o Album, um vistoso album com uma vistosa capa que apresentava as coisas mais curiosas e novas da época: um navio a vapor, de rodas; a ponte do Recife; um trecho de estrada de ferro; um recanto de floresta tropical.

Os desenhos são quasi ingênuos com as linhas de perspectivas exageradas; mas evocam subúrbios sombreados de mangueiras, rios em que descem canoas, a floresta dos mastros e vergas de patachos, de barcas, de

Um Velho Album De Gravuras

galeras que enchem o pôrto sem quebrar a sua paisagem de ancoradouro cheio de luz e côr.

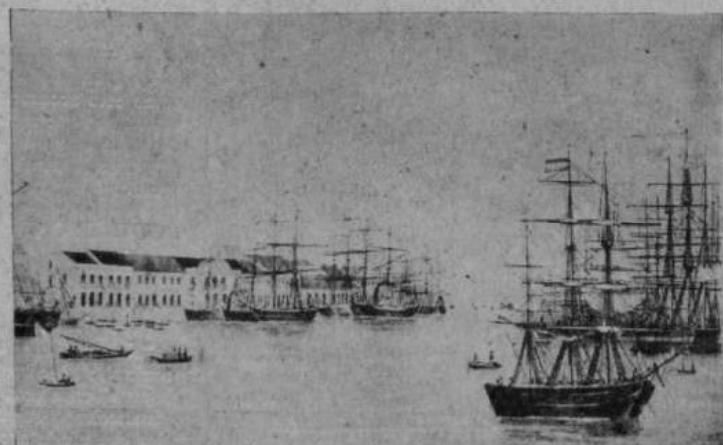
Hoje tudo isso é asfixiado e absorvido pelos grandes cascos negros, pelo fumo das chaminés, pelo resfolegar das máquinas...

As gravuras eram distribuídas nos dias 3 e 4 de cada mês aos assinantes, que pagavam dois cruzeiros; quarenta ou cincuenta gravuras constituiam um album. No exemplar que Werner Dreschler, seu sucessor e neto, possue preciosamente, lá estão as notas dos assinantes; velhos negociantes da rua do Bom Jesus, nomes arrevezados de estrangeiros, antigos nomes de famílias pernambucanas.

"Nordeste" publica algumas dessas gravuras, reproduzidas fotograficamente por Alexandre Berzin. A praça da República, com o seu gradil de ferro e o pavilhão interno, onde bandas de música atraíam as famílias pacatas nos pacatos domingos do Recife de mil oitocentos e tanto. O pôrto, vendo-se ao fundo o edifício onde funcionou a velha "Com-

panhia Pernambucana de Navegação Costeira por Vapor". sim, senhores — o Recife já possuiu uma companhia com esse título e com dezenas de navios que perlongavam o litoral, prestando excelentes serviços ao comércio às indústrias e a população que tinha um meio transporte cômodo e barato. Uma larga vista abrangendo parte do bairro de Santo Antônio, com a Ponte Buarque Mace-
do em primeiro plano, e ainda mais perto, negros carregando toneis e graves comerciantes barbados e sem barbas discutindo as co-
tações — nada falta nessa gravura: as bandeiras do telégrafo ótico, os quiosques, os negros de tanga ainda em 1878 — os rebocadores puxando alvarengas, um esquesito cabriolé que avança pela ponte — a floresta de mastros e vergas de veleiros. Um trecho do rio, na pitoresca "Passagem de Madalena", vendo-se casas solenes, parques cheios de sombras, com os seus barcos atracados ao pé das escadarias por onde se descia o rio — Época em que o rio era um caminho nobre.

Época dos deliciosos vagares, quando a gente tinha tempo para olhar a beleza do rio, sentir a brisa fresca da tarde, e se deixar ir por aí além, sem maiores cuidados, penetrando-se de tôda a docura do Recife de 1878, das velhas gravuras de F. H. Carls.



OS PROBLEMAS DO AÇÚCAR E A ECONOMIA PERNAMBUCANA

PALPITANTES DECLARAÇÕES DO SNR. JOSÉ PESSOA DE QUEIROZ

Regressou a esta cidade, do sul do país, o industrial José Pessoa de Queiroz, atual presidente da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco. A sua viagem ao Rio se prendeu a interesses econômicos do Estado, onde teve importantes entendimentos sobre assuntos açucareiros de Pernambuco.

Procurado pela reportagem do JORNAL DO COMMERÇIO, fez uma série de declarações só-

das populações — isso porque o açúcar é a economia básica dessa região. Eliminar esse excesso, pela exportação para o exterior, era o anseio de todos. Nesse sentido, encaminhou a Cooperativa uma campanha, que foi uma verdadeira batalha, para conseguir a autorização de ser exportado o excesso da produção.

Outro, em verdade, não foi o objetivo da viagem ao sul do país, do

PROBLEMA DO CRÉDITO

Outro assunto que trouxe, em relação aos interesses dos industriais do açúcar, foi o problema do crédito. Os financiamentos feitos pelo Instituto do Açúcar e do Álcool e pelo Banco do Brasil com a intervenção daquela autarquia montaram em 170 mil contos. Além desses financiamentos lhe foi possível realizar vultosos descontos de títulos em conceituados bancos do Distrito Federal que vão a mais de 130 mil contos. E desse modo conseguiu desafogar a praça do Recife, que, apesar de contar o apoio dos bancos locais, não lhes era possível dispor de numerário para tão grandes financiamentos, principalmente tendo em vista a grave crise financeira do Estado e o tamanho da nossa atual safra açucareira simplesmente sem precedentes.

Quanto à dificuldade criada com a moratória aos pecuaristas para financiamento dos usineiros — participantes que são igualmente dessa categoria econômica — foi afinal removida com a votação pelo Congresso de uma emenda legislativa



Sr. José Pessoa de Queiroz, presidente da Cooperativa de Usineiros de Pernambuco

va, resolvendo plenamente o assunto.

"Os usineiros estão agora, com esse entrave, nos seus financiamentos, inteiramente afastado".

Ainda declarou que, durante a sua estada, teve ensejo de conseguir do Instituto do Açúcar e do Álcool a aprovação de um plano de construção de grandes armazéns no Recife, para guardar reservas de açúcar. Assim, a assegurada a retenção das safras açucareiras do Estado, e consequentemente a defesa do açúcar durante o período normal do escoamento da produção.

ESTIMATIVA DA PRÓXIMA SAFRA

— O I. A. A. — acen-

tuou — está estimando a próxima safra 47-48 — já iniciada no sul do país numa produção de 23 milhões de sacos, na qual concorrerá com 6 milhões o Estado de São Paulo; 3 milhões e 800 mil o Estado do Rio, sendo Pernambuco incluído nesse cálculo com 6 milhões de sacos. Em verdade, todavia, pela nossa previsão, Pernambuco ultrapassará em muito os 6 milhões calculados. Em face disso, é indispensável contarmos com a exportação sucessiva para o exterior, não só quanto ao saldo da safra de 46-47, como em relação ao grande excesso das safras seguintes, atendendo, antes do mais, ao consumo interno.

TRANSFERÊNCIA DA COMPANHIA USINAS NACIONAIS

A uma pergunta nossa, disse:

— Realmente também foi objeto das minhas atividades junto ao I. A. A., a transferência da Companhia Usinas Nacionais aos primitivos donos, isto é, aos Estados produtores e exportadores de açúcar, para o que contamos com o apoio do presidente do Instituto e vários membros da Comissão Executiva daquela autarquia.

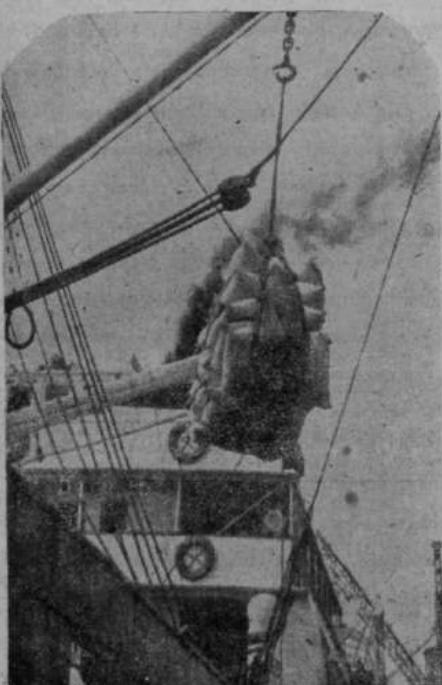
Torna-se assim necessário que, assegurado o consumo interno do país, que não poderá exceder de 18 milhões de sacos o excesso, que será de 5 milhões, seja exportado com facilidade e no tempo oportuno para que o produto não seja sacrificado pela umidade, diferença de qualidade e pê-

... como está acontecendo ao açúcar que temos armazenado e que de há muito deveria ter sido exportado.

PRODUZIR O MÁXIMO

Encerrando as suas declarações, salientou:

— "No que pese as consequências decorrentes da atual crise econômico-financeira, somos daqueles que ainda acre-



Açúcar de Pernambuco para o Brasil e o Exterior

bre os objetivos de sua viagem, que a seguir resumimos.

SUPER - PRODUÇÃO DE AÇÚCAR

A uma observação do repórter, diz:

— A minha viagem foi coroada de sucesso. Foram vencedores os anseios dos produtores de açúcar do Nordeste. É certo, porém, que encontrei, de início, um ambiente inteiramente desfavorável aos nossos propósitos — exportar para o Exterior o excesso da produção de açúcar sem colocação no mercado interno. Após trabalhos incessantes, por nós encaminhados, ora expondo a realidade da situação básica da economia nordestina; ora, apresentando com



Milhares de sacos de açúcar, armazenados, esperam exportação

(Continua na pág. 19)

DOS TÍTULOS invocados pelos espanhóis para a conquista dos seus domínios coloniais na América e DA CONTESTAÇÃO que lhes foi oferecida, notadamente em Salamanca, pelo teólogo dominicano Francisco da Vitoria

GILBERTO OSÓRIO DE ANDRADE

Ainda mesmo antes de se fazer irremediável a decadência naval da Espanha com o desastre da Invencível Armada — o que, por assim dizer, conferiu à Inglaterra o decisivo estímulo para o inicio, abertamente, da sua expansão colonial — poucas não tinham sido as desavenças com os portugueses, motivadas, não raro, pelas incursões de navios britânicos, mercantes ou de guerra, às costas da Guiné, da Mina e do Brasil. Assim a reclamação do embaixador Diogo Lopes de Souza, formulada em 1555 perante a rainha Maria Tudor, e que resultou na aquisição da mesma soberania em adver- tir que de maneira alguma os seus vassalos poderiam ir comerciar aqueles domínios de África, diretamente ou indiretamente, nem no Brasil, devendo os contraventores ter as mercadorias e os navios embargados e sofrerem pena de prisão (1). Assim, também, a missão diplomática que levou Aires Cardoso à Inglaterra, em 1564, com o fio de obter de Isabel o embargo das naus que, segundo informações secretas suas dignas de fé, saíra el-Rei D. Sebastião se estavam preparando para, de porto inglês, sair com destino aos domínios portugueses de ultramar e ali comérciarem sem licença; Aires da Cunha voltou a Lisboa com a notícia de que os navios já tinham partido e com a reafirmação da resposta dada por Isabel, dois anos antes, ao embaixador João Pereira Dantas, a propósito de análoga reclamação. A saber, de que "a Rainha não via motivo algum razoável para que seus súditos não pudessem ir nos países e províncias sujeitas à soberania e domínio de el-Rei seu irmão, — pois estavam em amizade com ele — pagando-lhe direitos pelo comércio que ali fixaram; não obstante, em vista da reclamação do referido embaixador, ela, Rainha, proibira, "todos os seus súditos de navearem para nenhum dos portos da Etiópia sujeito ou tributário da coroa de Portugal". Julgava que nenhum dos seus súditos infringiria essa ordem, mas si algum a infringiu seria castigado" (2).

Dessarte, Isabel não somente evitava a resposta à principal questão, quer era a dos navios britânicos armados para fazer o comércio nos domínios ultramarinos de el-Rei Católico, como também punha em dúvida a legitimidade dos direitos de monopólio que se arrogava Portugal, tanto mais quanto, naquela mesma resposta dada a João Pereira Dantas, alegava que, "pelo que dizia respeito às outras partes de África ou da Etiópia, onde o dito Rei não tinha domínio, nem se lhe presteva obediência, nem pagavam tributo, S. M." julgara que não era razoável impedir os seus súditos de navearem para aquelas paragens (3).

Ora, isso era contrariar os fundamentos e os títulos mesmos a que Portugal se apegava para manter efeitos os seus direitos adquiridos quando da recente época dos descobrimentos, e confirmados pela paróquia pontifical do mundo em 1493. Debalde João Pereira Dantas retrucava a Isabel que aquelas pontas da costa africana onde os portugueses não mantinham fortalezas e castelos não eram menos legítimos domínios de S. M. Católica, visto como lhe era ali prestada igual obediência e "todas os anos lá mandávamos expedições marítimas

que substituiam com vantagem as guarnições militares permanentes, das quais em cada com soldados só escapava um" (4). Quanto a não pagarem tributo certos povos, isso não os eximia da condição de súditos, porquanto, si assim era, deviam-no, esses povos, à liberalidade dos reis de Portugal (5). Mas nem era Pereira Dantas um João das Regras, nem fôrça por mecos escrupulos suscitáveis de reforço jurídico que os soberanos ingleses se tinham abastido, até então, de contrariar deliberadamente a soberania ultramarina dos dois reinos ibéricos. Além disso, a contestação dos direitos mutuamente reconhecidos pelo Tratado de Tordesilhas já se fizera ouvir desde Francisco I, quando o rei de França, naturalmente pouquíssimo inclinado a reconhecer as "liberalidades" do Papa para com as nações hispânicas, afirmava "muito gostar de ver o testemunho em que o papa Adão tinha instaurado os seus primeiros de Castela e Portugal" legítimos das terras ultramarinas... (6). De que na Inglaterra, como na Suécia e na Holanda — nações tão pouco favorecidas pelas bulas de Alexandre VI —, também sempre se pensou da mesma maneira, dissem-no as amáveis palavras com que os membros do conselho de Maria Tudor sugeriram ao embaixador Diogo Lopes de Souza que mostrasse os títulos do Rele de Portugal aqueles domínios de além-mar. Parece que andaram sempre insistindo nisso ironicamente, porque em 1562 o português Rui Mendes de Vasconcelos dizia a Pereira Dantas que os ingleses estavam "cheios de pedir o testamento de Adam", e, excitado pelos próprios zelos de bom lustro a ponto de negar eficácia a soluções de ordem diplomática passíveis de sustar as incursões inglesas na costa africana, achava que o que se devia fazer era "perder o dô o q. pode custar uma grossa armada, para tanto aviso que só partidos (os navios), os mandar meter no fundo" (7).

Na verdade, porém, o que se pretendia então nisso eram títulos que, quando outorgados, o tinham sido mercê dos direitos de soberania universal que se atribuíam os Papas desde a Idade Média. A tal soberania não as arvoravam os pontífices, alias, merce apenas da autoridade moral e espiritual de que se investiam; nem tão-pouco à cesta dum herança romana da idéia de monarquia universal; e muito menos por força da suposta e discutida doação de Constantino. Foram os próprios imperativos duma época em que a Igreja teve a seu cargo, primeiramente, dirimir e ordenar o círculo subsequente às invasões, e, em seguida, manter os frutos, vacilantes ainda, da sua atuação. As huntas entre Gregório VII e Henrique de Suabia, entre Alexandre III e Frederico Barbarossa, entre Gregório IX e Frederico II são, nos séculos XI, XII e XIII, respectivamente, os principais incidentes que conduzem à definitiva proclamação da supremacia papal em 1202, pela bula "Unam Sanctum" de Bonifácio VIII, se bem que a soberania universal do Santo Padre já se tivesse abertamente declarado mais de duzentos anos antes, com Gregório VII.

E é de ver como a jurisprudência medieval só muito esporadicamente refutou a legitimidade do éxito do competidor — que



Fernando Cortez pisa o solo americano

das concessões pontifícias, fundadas no princípio daquela soberania universal, sobretudo quando tais concessões versaram sobre as ilhas afastadas (e lembrasse que a idéia duma América continental nem siquer se esboçava). Já no caso de ilhas próximas, não parece que a farinha continental nem sequer se tivesse exercido sem litígio. E' o caso, por exemplo, do protesto de Afonso IV de Portugal, em 1345, contra a doação feudal das Canárias ao castelhano d. Luiz de la Cerda pelo papa Clemente VI, sob o fundamento de que três vezes português era o arquipélago: — por direito de descoberta, por direito de ocupação e por direito de vizinhança (8).

Em função de tais princípios é que Portugal se previu sempre, à medida que os seus descobrimentos se multiplicavam, procurando obter da Sé Romana o direito do padroado sobre as terras conquistadas, ou novamente descobertas, além do mar oceano; e que ao lado de tais outorgas, como as consignadas em bulas de Eugénio IV, Nicolau V, Calisto III e outros, não era raro se lhe reconhecer, simultaneamente, a posse dessas terras (9). Essas espécies mercenárias pontifícias não vinham a ser, de resto, uma atitude recente ou escassamente assumida em relação ao Reino. Já desde os tempos de Afonso Henriques, e notadamente depois que a dilatação territorial lusitana se fez até o Algarve e dai avançou sobre os mouros da África setentrional, era frequente conceder o Papa certas faixas e mesmo direitos de arrecadação (geralmente incidentes sobre as ordens religiosas) aos reis de Portugal, como na era das Cruzadas. Nada mais natural, portanto, que, às vésperas da rendição de Granada — último reducto infiel na península —, e quando os portugueses, tendo varrido a mouraria, fossem dominios, cooperavam com Castela para quebrar a última lança do Islã em toda a terra ibérica. Mercede mais alta e missão de maior confiança fôssem conferidas pelo Papa precisamente aos dois povos que se iniciavam a passo firme numa que já se antevia como a maior epopeia marítima de toda a história.

Era esta a segunda coincidência, tendo sido a primeira a tradição comum de fazer triunfar o estandarte de Cristo na guerra multisecular contra o infiel. A verdadeira em que os atirava, portugueses e espanhóis, a terceira incidência simultânea, fol concomitante. De começo, a febre das buscas: — el levante por el levante, el levante por el pionente. E' certo que todas ou quasi todas as iniciativas do círculo cabiam a Portugal, inclusive porque, tendo-se primeiro desembarcado do árabe, melhor pode encetar aquela grande faixa científica e aventurosa, que culmina com a Escola de Sagres e desvenda novos mundos na transição do século. Esse avanço sobre os espanhóis talvez tivesse dispensado um clima para a rivalidade todavia reinante, se em dado momento el-Rei Fernando não anunciasse ao mundo que um tal Cristóvão Colombo, possivelmente catalão, possivelmente português, mas de todo improvável genovês, encontrou o caminho das cubiladas Índias para a coroa de Espanha, entrando pelo mar oceano no rumo do ocidente.

O éxito do competidor — que

se depois se soube não ser verdadeiro — não podia ter deixado de incomodar seriamente D. João II, rei de Portugal. Não vale a pena repisar, aqui, a assíbida animosidade e as discussões que então se acirraram na península. O que importa é que foi justamente nessa crise que o Papa interveio, fundindo na sua tradicional competência de soberano universal, E, pelas bulas de 3 e 4 de maio de 1493, Alexandre VI delimitou os hemisférios destinados, respectivamente, a Portugal e à Espanha, como campos de ação dos seus descobrimentos e conquistas.

Essa a paróquia histórica em que se fundam os títulos de posse e de dominação dos povos ibéricos sobre a América, como sobre as terras da África e da Ásia, e cuja legitimidade veio a ser, depois, reiteradamente contestada. Cumpriria salientar, todavia, que, mesmo quando falível a competência pontifícia para procedê-la, correspondia esse princípio a um estado de fato insustentável, e que se acentuou, mais tarde, com a consumação do périgo africano, a conquista da Ásia, a posseção das duas costas da América do Sul e da Central e um início de exploração da Setentrional. Só então é que a incipiente navegação dos franceses, ingleses e holandeses começou a concorrer modestamente, mediante algumas timidas excursões à costa atlântica da América do Norte. O pleno exercício, portanto, dos direitos adquiridos pelas bulas de Alexandre VI, e ainda mais a circunstância de que esse exercício não pôde ser embargado e não sofreu séria concorrência durante a expansão náutica luso-espanhola, justifica a ratificação concedida, em 1506, pelo papa Júlio II ao Tratado de Tordesilhas, mediante o qual, um anno depois da paróquia pontifícia, Portugal e Espanha tinham-se reconhecido mutuamente os direitos respectivos a cada um dos hemisférios delimitados pelo Borgia.

Acontece, porém, que os territórios novamente descobertos e conquistados mercê dos títulos decorrentes da doação papal não eram res nullius. Nem desabitados, nem abandonados (*tres derelictus*), antes povoados por numerosas hordas de bárbaros e selvagens, a legitimidade da ocupação dôles fazia-se ainda mais discutível do que se o fôrça simplesmente pela falibilidade da competência pontifícia. A tese corrente, todavia, era a de que tais povos primitivos, simples de-

inteiros de fato, possuidores transitórios, deviam ser considerados incapazes de direito, para exercer propriedade e soberania. Essa doutrina, geralmente adotada durante os séculos XV e XVI e XVII, ainda veio a ser retomada no século XIX pelos darwinistas; como seus refutadores modernos, citam-se, no século XVIII, Locke, Voltaire, Marmontel e Rousseau; mas o fato é que já em pleno século XVI, o século das conquistas, Francisco de Vitoria e Bartolomeu de las Casas consideravam de qualquer direito de soberania, ou de propriedade, como já viemos atrás. Daí, o teor daquele curiosíssimo ato de tomada de posse sobre os países descobertos na América, "redigido por uma comissão especial de teólogos e jurisconsultos" (10), e que não parece ser apenas uma "proclamação teológica" rela qual a Espanha justificava-se a si mesma pelas guerras movidas contra os nativos durante os primeiros anos da conquista", fazendo-a "ler aos índios por um escrivão antes que as hostilidades pudesssem vir a ser legalmente iniciadas" (11). E' certo que a questão da "guerra justa" já constituía preocupação corrente entre os juristas e os teólogos ibéricos, sobretudo. Não é menos certo que, forçosamente, essa questão correu, a partir dum certo tempo, pari passu com a discussão dos títulos invocados pelos conquistadores para legitimizar a sua ocupação das terras americanas. Mas é patente, todavia, que o chama-qualquer, igualmente, a um ato de apreensão, onde, por sinal, se faziam referências expressas ao "Requerimento" pretendia direitos decorrentes da doação pontifícia, ou seja, aos títulos, mesmo, de que se julgavam munidos os espanhóis, para se vestirem na posse e na soberania das terras ultramarinas.

Eis o texto desse interessante documento, pouco estudado até então, e que vos apresento conforme foi traduzido por João Francisco Lisboa (12):

"Da parte do Rei, e de D. Juana, sua irmã, rainha de Castela e de Leão (13), vencedores dos bárbaros e infíei, eu, seu embaixador e capitão, vos notifico e faço saber, mundo dos plenos poderes a mim conferidos, que Deus Nosso Senhor, que é único e eterno, creou o céo e a terra, assim como o homem e a mulher, dos quais descendemos nós e vós outros, e todos os mais homens que existiram, existem, e há de existir até o fim do mundo. Mas como aconteceu que as gerações sucessivas durante mais de cinco mil anos fôsem dispersas pelas diferentes partes do mundo, e se dividiram por muitos reinos e províncias, visto como uma terra só não era cabal para os suster e manter a todos, foi por razão disso que Deus Nosso Senhor confiou o cuidado de todas as nações a um homem que se chamava Pedro, ao qual alevoi de todo o gênero

(Continua na pág. 19)

Falam os Críticos

NO CENTENARIO DE CASTRO ALVES

"O MAIS LÍRICO E TAMBÉM O MAIS OBJETIVO"

NÃO admira o comovido entusiasmo em toda a parte do Brasil pela comemoração do centenário de Castro Alves, o mais lírico e também o mais objetivo dos nossos poetas românticos do século passado.

Apesar de muita estridente sonoridade e muita retórica que existem na obra poética de Castro Alves, e tão contrárias no gênero mais refletido e sereno da poesia moderna, talvez seja dos poetas da fase romântica o de maior sugestão até hoje. E não tanto pela parte sentimental e lírica da sua poesia, em que o poeta se prende mais a ele mesmo, às suas impressões sensoriais de amor, mas pelo lado épico da sua inspiração, pelo que ainda hoje ela exprime de reivindicações sociais, de paixão democrática, de idealismo revolucionário. Isto é mais os elans de fé, de piedade, de fervor humanitário que a exaltam pateticamente em muitas das suas estrofes é que, com mais ou menos entusiasmo, tornam essa poesia sempre presente no espírito das novas gerações.

(Olívio Montenegro — "Diário de Pernambuco" — 16-3-1947).

"O POETA DA MOCIDADE"

O jovem poeta aparecia justamente na ocasião em que se extinguiam duas correntes da poesia popular brasileira — o sentimentalismo de Casemiro de Abreu, de Laurindo Rabelo, e ainda de Álvares de Azevêdo, e o indianismo de Gonçalves Dias e da primeira geração romântica.

Castro Alves trazia no seu clímax suas novas e alvíncas: anunciam os idéias gerais, húruanas, que Vítor Hugo em sua flauta do Pan havia já cantado. Foi isso, principalmente, que lhe deu a fama e a glória. Não tardou a se tornar conhecido em todo o país. Seus versos saíram de cor a modidade das escolas, e os recitavam nas solenidades e nas festas. Sentiu-se que havia nela alguma coisa que não tinha sido vista ainda; além do extraordinário talento verbal, da perfeição rara de forma, de surpreendente correlação da palavra com o pensamento, e de imagens verdadeiramente belas, havia nos seus poemas algo de novo, nas Vozes da África, por exemplo, certa emoção certo sentimento, "uma elevada idealização artística do continente maldito e das reivindicações que o nosso ideal humano lhe atribui", na expressão exata de José Verissimo.

(Odilon Nester — "Diário de Pernambuco" — 16-3-1947).

"...O LÍRICO AMOROSO..."

Em Castro Alves cumpre distinguir o lírico amoroso que se exprimia quasi sempre sem ênfase e às vezes com exemplar simplicidade, como no formoso quadro de "Adormecida", do épico social desmedindo-se em violentas antiteses, em rebumbantes onomatopeias. A este último aspecto, há que levar em conta a intenção pragmática dos seus cantos, feitos para ser declamados na praça pública, em teatros ou grandes salas, verdadeiros discursos de poeta-tribuno, a maior força verbal e a inspiração mais generosa de toda a poesia brasileira.

Castro Alves foi a última grande voz da poesia romântica".

(Manuel Bandeira — "Jornal do Comércio" — 16-3-1947).

APROXIMANDO-SE DE CASTRO ALVES

Castro Alves é o primeiro poeta público do Brasil. Por isso se podia dizer que "encarnava os ideais poéticos da raça". Mas esta afirmação é, outra vez, ambígua. Certamente não se pretende afirmar que a poesia do baiano representa exclusivamente a possibilidade poética brasileira: seria injusto porque assim como nem todos os poetas citados, menos Castro Alves, saberia escrever "O Navio Negro", assim Castro Alves não escreveria "Marabá" ou "Ótimo credo", "Momento num Café" ou "Mãos dadas". "Encarnação dos ideais poéticos da raça", isto é, transposição dos ideais da raça — que nem sempre são idênticos com os dos poetas — para a poesia, pelo menos dos ideais de certa fase da evolução histórica. Castro Alves é o poeta de ideais cuja missão ainda não acabou no Brasil. A sua poesia essemelha-se a uma estátua da Liberdade, emitindo luz fulgurante e discursos "rebumbantes"; temel prestatos os adjetivos aos que elogiam em Castro Alves o poeta discursivo".

(Otto Maria Carpeaux — "O Jornal" — Rio, 8-3-1947).

RIVAL DE RUI E DE NABUCO

Muito pouco houve nesse extraordinário poeta, tão ligado às praga do Recife quanto às ruas da Bahia, tão querido pelas atrizes mais salientes quanto admirado pelos estudantes mais ardorosos, de noturno, de íntimo, de particular. Daí tudo parecer tão meridianamente claro em sua poesia. Foi — repita-se — uma poesia de céo aberto, de dia de sol, de cômico abolicionista, de palácio ou teatro iluminado para festa. Cansa às vezes pelo excesso festivo de claridade.

Poeta quasi sem sombra. Poeta quasi sem mistério. Rival mais de Rui e de Nabuco do que outros poetas do seu tempo ou de hoje.

O LIVRO DO MES

ge Amado, etc. etc.

Vamos ver se nesse segundo trimestre cette secção poderá continuar a sua finalidade que é a de indicar o melhor livro do mês não só pelas suas qualidades genuinamente literárias como também pela procurem que a obra alcance nas livrarias da cidade e pelo interesse que tenha despertado em nossos variassimos críticos de literatura.

Dante do mês de carnaval e dos acontecimentos muitas vezes carnavalescos que ocorreram antes e depois das eleições de 19 de janeiro, NORDESTE, em seu aparecimento, anota melancolicamente que o melhor livro do mês de fevereiro, embora estejamos em fins de março, ainda não apareceu. — A. J.

Nas Livrarias

De Graciliano Ramos, a editora José Olympio acaba de editar os romances "Cantos", "S. Bernardo", "Angústia", "Vidas Secas" e um livro de contos "Insônia". Todos os volumes, magnificamente apresentados com desenhos de Santa Rosa nas capas, estão despertando um interesse invulgar no Rio, S. Paulo, Rio Grande e Recife, segundo reportes de jornais que realçam o valor do grande romancista alagoano, o fisionomista manis sário da novelística brasileira.

"Noite Grande", segundo romance de Perminio Asfora, autor de "Sáp", encontrou em Erico Veríssimo o seguinte julgamento: "Leitura muito interessante, dessa que a gente começa e não para senão no fim".

O romancista parabiano Perminio Asfora com "Noite Grande" apresenta um quadro de tintas fortes da situação social do nordeste.

A senra Lázinha Luis Carlos de Caldas Brito — puxa que nome enorme para uma escritora — vem alcançando ruidoso sucesso com o romance "A Terra vai ficando longe". Só o título do livro é de tamanho de um romance.

Do prof. Lemos Brito seca de aparecer "O Crime e os Criminosos na Literatura

TODOS OS LIVROS
COMPRADOS NA
LIVRARIA UNI-
VERSAL TEM
DESCONTOS ESPE-
CIAIS

LIVRARIA UNIVERSAL

Av. Rio Branco, 50
RECIFE —

Mas com toda essa constância de claridade, com todo esse excesso de sol e de luz de dia de festa, uma das maiores figuras brasileiras de todos os tempos. Uma voz moça, esplendidamente eloquente, vigorosamente matinal, que não

Falam os Editores

"MAR DE HISTÓRIAS"

Uma admirável antologia que difere bastante das coleções existentes não sómente no Brasil como também no estrangeiro. Não se contentaram os autores em escolher e traduzir, com perfeito conhecimento do assunto e muito bom gosto literário, algumas centenas dos mais belos contos escritos em três mil anos nas diversas partes do mundo: acompanharam o gênero desde o seu aparecimento até os nossos dias, observando suas modificações no tempo e no espaço, investigando as influências que sofreu, buscando a providência de seus motivos, mostrando suas ligações com os outros gêneros literários, como também com a religião, a história e o folclore. Além de longo ensaio introdutório geral em que se estudam as origens e a evolução do conto, suas variações e seu conceito — e em que os autores se ocupam também com o problema da tradução, explicando o critério adotado na obra, nessa particular — cada conto é precedido de uma ótima noticia biográfica a respeito do autor, e acompanhado de notas de interesse histórico, geográfico, mitológico, linguístico, etnográfico, etc.

Entre os contos, traduzidos com a maior fidelidade e extremo cuidado dire-

tamente de 17 línguas — sanscrito, hebreu, grego, turco, latim, russo, inglês, alemão, dinamarquês, italiano, francês, espanhol — há verdadeiras obras-primas, nunca antes vertidas para o português e outras que agora tem seu texto integral restaurado. Refletem: são todos os aspectos do gênero, desde o primeiro conto policial do mundo, encontrado em uma pirâmide egípcia, à amavel lasciva de Boccaccio; da ingênua beleza das lendas medievais à ironia de Voltaire; da profunda sabedoria das parábolas hindus ao realismo de Cervantes; da arte requintada do antigo Apuleio à simplicidade surpreendente dos contos populares modernos. Nas traduções de contos antigos, procuraram geralmente os organizadores da Antologia manter, até certo ponto, as características de linguagem e estilo do original, o que, contribuindo para maior fidelidade da versão, torna a leitura mais variada e mais viva. As partes em verso foram todas vertidas também em verso, mantendo-se ordinariamente o mesmo ritmo e a mesma disposição de rimas do texto original.

(Abre do livro "Mar de Histórias" — Antologia do Conto Universal de Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Rónai).

CAIXA DE CRÉDITO MOBILIÁRIO DE PERNAMBUCO

(Criada Pelo Decreto Estadual N.º 161, de 20 de Agosto de 1938)

End. Teleg. — "CREDOMIL"

TELEFONE, 9401 — CAIXA POSTAL, 649
AVENIDA RIO BRANCO, 23 - Recife - Pernambuco

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO ESTADO

Paga as melhores taxas de juros a seus depositantes

C/C. de Movimento (retiradas livres)	4% a. a.
C/C. Populares (limite de Cr\$ 10.000,00, com cheques)	6% a. a.
C/C. com Aviso Prévio (avisos de 10, 20, 30, dias para retiradas até 30, 60 e 100% sobre o saldo da conta)	6% a. a.

*

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

De 6 meses	6½ % a. a.
De 12 meses	7% a. a.

deixará nunca de ser ouvida e querida pela sua gente".

(Gilberto Freyre — "Diário de Pernambuco" — 19-3-1947).

SONATA a LILIAN

Tomás Seixas

A poesia tem de revelar-se por si mesma no homem; não pode ser amadurecida por leis e preceitos, e sim por sensações e vigilância.

KEATS (carta a George e Georgina Keats)

HEI de lembrar-me sempre de ti ó meu irmão enfermo e da penumbras densas que por tanto tempo envolveram o nosso [quarto] (nós vivíamos então uma época remota). Estranhos preságios acumulavam-se todos os dias sobre nossas cabeças. Quando o médico chegava com grandes circunloquios. Eram tantos os nossos caminhos de brinquedo! Através do muro ouvímos os rumores da rua, do outro lado, do qual com pavor já suspeitávamos e isso era um grande segredo. Mas nossos gestos às vezes eram lentos e logo nos fatigávamos dos nossos brinquedos.

Era como se a fada inviolável houvesse chegado até o limiar [do nosso quarto].

E sorriamos fracoamente, distantes um do outro já no fim e nos olhavamos como se subitamente nos houvessemos tornado estranhos — e não era bem esse o nosso espanto.

Porque quasi sempre tudo em torno de nós era calma e [silêncio]. Então o sortilégio interrompia-se e saímos correndo pela [porta do jardim].

MAS nem sempre o sortilégio interrompia-se e continuava assim indefinidamente.

Não havia distâncias nem pausas, tudo era silêncio e mistério.

Como medir então a graduação do tempo desse estranho [sortilégio]?

Uma mística nos envolvia e a sombra das nossas vidas [singulares] se projetava sobre o grande espelho.

Nossa solidão era infinita de abandono nas sombrias salas [desertas]

onde tudo era diafano como nossas próprias mãos enfermas,

OS mistérios, as advertências, os presságios vindos de um [domínio desconhecido], pairaram desde cedo sobre nossas cabeças infantis que a enfermidade precocemente fatigava.

Mais de uma vez afioraram os signos do mistério, e quando mais tarde saímos definitivamente do quarto e tivemos de ir às festas,

aos lugares onde os outros se divertiam, e onde por vezes também nos divertíamos imoderadamente

como crianças que por longo tempo estiveram privadas de alegria,

a amargura vinha sempre ao nosso encontro (antes ou depois das festas, às vezes mesmo durante a festa).

Era como se a vida, por um imperativo qualquer quisesse [desfarrasse] do largo período em que nos mantivera reclusos.

OUTRAS vezes chegava o mágico e havia uma enorme e [festiva] complicação de coisas coloridas sobre a mesa da sala de visitas.

O mágico! Com ele se podia falar, rir, brincar, livremente! Ele compreendia tudo. Ele trazia sempre consigo coisas de surpresas, palavras, gestos, brinquedos.

Era gordo desajeitado nas suas roupas enormes.

Ele andava sempre preocupado com máquinas e descobertas novas coisas que deviam ser para ele, juntamente com as crianças, os brinquedos da vida.

O mágico tinha o condão de dissipar a penumbra que envolvia a minha infância.

Ele, somente ele, conseguia fazer da criança timida e envergonhada conciliado com o mundo,

e fazia-me maravilhoso esse mundo, onde antes da sua chegada eu sempre me julgava um ente à parte, uma coisa desfeita.

Ele era uma fonte poética de vida, com sua larga compreensão da infância que aos tristemente adultos se afigurava, por vezes, pueril.

MAS houve uma ocasião, singular entre todas, havia muito (que eu não via o mágico) em que tudo empalideceu de repente,

e os candelabros ficaram para sempre ardendo na grande [sala muda]. Houve em casa um grande rebolço pela madrugada.

todos se levantaram em sobressalto e houve gritos e correrias pela casa. Por fim cessou tudo e não se ouviu mais o menor rumor porque tudo isso aconteceu de repente.

Nós vimos então refletidos, e pela primeira vez, no sombrio [espelho do hall] e o outro trazia uma face conturbada, a mesma face que eu [ainda] haveria de ver conturbada para sempre pelos vilpendidos [sem nome].

E o silêncio nos atormentava sempre nos dias que se seguiram como se outro acontecimento, infiusto, pudesse sobrevir a [cada] instante.

Tudo em torno de nós ia-se tornando cada vez mais estranho. Era a época dos grandes crepúsculos, desde o leito até as [altas cortinas].

E havia a dança dos espelhos e candelabros austeros de traços dourados cobertos pela poeira do sonho de muitas horas.

E havia o quasi imperceptível rumor de portas cantelosas [menos]

Retratos de amigos e de parentes mortos, pessoas que eu nunca viu mas de quem já ouvira falar, em grande molduras de um dourado já esmaecido; sobrecasacas, extravagantes vestes de seda, multicores, [poldas pelo tempo, laços, fitas, flores resequidas, móveis empalhados, luvaz, medalhas, madeixas de cabelo guardadas em caixas de madeira que tinham um perfume esquisito, postais, vistas de países, de cidades remotas.

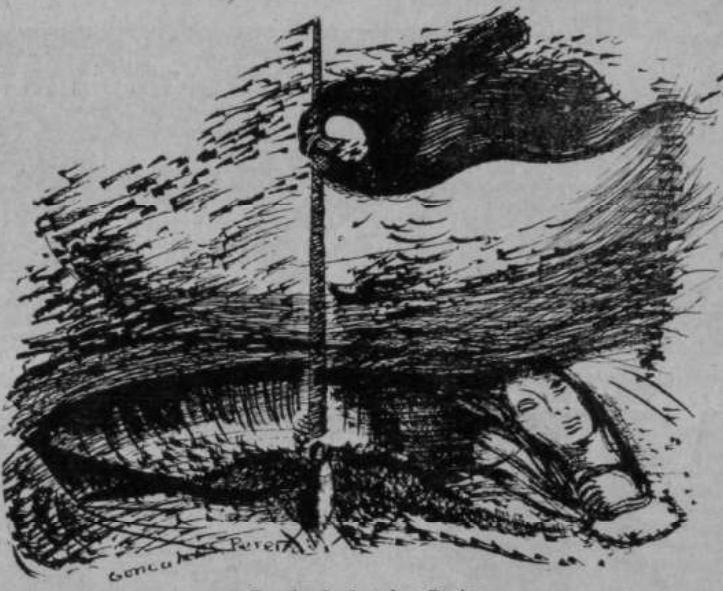
Havia ali, dispersas pelo chão, pelas paredes, nas gavetas, nas prateleiras, lembranças de outras épocas que reviviamos [solitários].

E era com alegria sempre renovada que fazíamos novas [descobertas]: um retrato, um espelho de cristal, uma fitela de prata. O quarto abandonado exercia sobre nós uma fascinação [singular].

Todas as vezes que nos intervalos da febre eu conseguia burlar a vigilância das pessoas de casa, para lá me dirigia.

Mas a descoberta que me causou maior prazer foi a de um [antigo] Atlas cheio de gravuras representando paisagens, florestas colossais, grandes rios, animais de fauna exótica. Aquie Atlas era uma fonte de viagens maravilhosas.

Nele descobri o segredo do corpo humano, a sua divisão [interna reproduzida em planchas anatômicas coloridas].



Desenho de Gonçalves Pereira

fechadas por mãos invisíveis que eu imaginava brancas, diáfanas, movendo-se lentamente na penumbra.

E havia a música leve e fresca do vento nas frinchas das portas em certas horas calmosas da tarde, sempre em seguida às festas,

e havia sempre espaços em branco, e havia em tudo um vago desejo de morte.

POREM subitamente todo se transformou e era como se esperássemos ou estivéssemos na iminência de acontecimentos agradáveis —

e era quasi sempre um amigo distante que chegava.

Folheavamos então o grande álbum e havia um perfume e [uma atmosfera] como a dos quartos onde móveis usados foram esquecidos.

Compreendímos então muitas coisas, e era o amor que nos fazia assim experientes, e tudo se multiplicava.

Mas de todos esses segredos só nós sabíamos, e muitas vezes nós chorávamos. As pessoas que nos rodeavam nada diziam, mas os cuidados excessivos de que nos cercavam, e as visitas que nos faziam, e que eram substancialmente intrusivas, faziam-nos suspeitar de que algo de grave estava para acontecer.

ERA sempre a atmosfera daquele quarto abandonado que [nos atraía], com o colorido singular das coisas aparentemente mortas, [cobertras de poeira onde brincávamos].

Havia tanta coisa eterna naqueles recantos!

Ali, no recôndito daquele quarto, meu sexo até então adormecido teve suas primeiras e dissimuladas palpitações.

Foi numa dessas tardes de encantamento furtivo que houve [na parede aquele estranho reflexo] seguido de um inexplicável rumor de passos. Louco de pavor, quis fugir, mas a porta do recinto tinha [sido fechada por fora].

Soltai um grito abafado, e sem ousar olhar para traz, para os misteriosos passos que pareciam vir no meu encalço, [desmaiado].

Lilian, que andava à minha procura foi quem me encontrou [desmaiado]. E eu nunca disse nada do que ali me acontecera, e ninguém nunca soube do meu grande medo, e nunca se [seguiu saber quem tinha fechado a porta].

Após essa experiência fui observando mais de perto, e qualquer brinquedo estranho era logo condenado.

Cheguei mesmo a temer a presença do outro, daquele que eu costumava ver em noites de febre, daquele que viria no espelho com a face conturbada e que tão estranhamente se parecia comigo.

O médico que me observava continuadamente proibi-me de brincar. Eu estava demasiado infrequente — dizia ele com um certo gesto

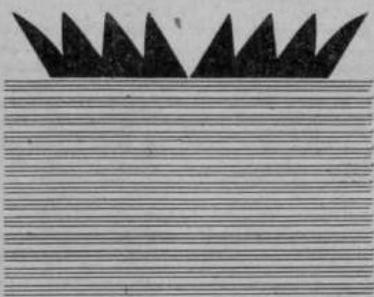
na direção da própria cabeça — e eu me sentia mesmo muito fatigado.

POI então que chegou o Natal, tão ansiosamente esperado [por todos], e houve lá em casa uma grande festa.

E a festa era lá em casa, era no jardim, era na rua e era [na igreja].

E pessoas estranhas vieram me visitar, e todas as portas foram abertas de par em par, e todos tinham um ar solene e satisfeito.

(Conclue na pág. 14)



NA SUA CASA NÃO FALTA
o que é bom!



As crianças preferem as guloseimas aos pratos mais saborosos. É próprio da idade. Para contentá-las, as bocas donas de casa têm sempre em sua despensa algumas latas da saborosa Goiabada Marca Peixe. Na merenda escolar, as crianças gostam da Goiabada Peixe. A sobre-mesa, todos em casa a apreciam. Há 40 anos sua fama empolga o Brasil.

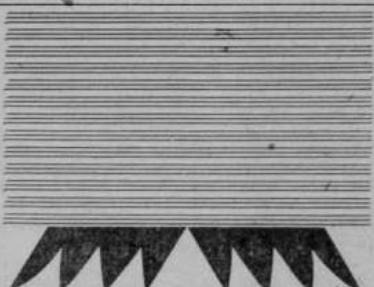


OUTROS PRODUCTOS MARCA PEIXE

Marmalada Branca • Rosinante • Piscoade •
Piscope Abacaxi • Laranjada • Mel de Goiaba •
Geléia de Goiaba • Geléia de Maçã • Gelo-
vado de Chocolate • Geléia em Calda Especial
Diva de Chá • Cariú na Calda • Fudge na
Calda • Extrato de Tomate e Massa de Tomate

GOIABADA
MARCA **PEIXE**

"A GOIABADA QUE É FEITA DE GOIABA"



Um Tipo De Construção Inédito Para O Recife

A galeria de ligação entre o Almare, em construção, e o Almare existente foi, de todo esse ruídosso caso Carvalho & Cia., o detalhe que mais ficou impressionando a atenção dos amigos da cidade. E no grupo incluímos todas as pessoas sensíveis à existência de novos motivos de beleza arquitetônica e de singularidade ornamental, anossa paisagem urbana.

Um dos mais autorizados comentaristas locais já fixou a importância dessa galeria, das suas paredes externas de tijolos de cristal. E não deixou de galentar o seu valor como refúgio para o pedestre castigado pela alternatividade das chuvas e das canículas, nem de antecipar a visão de belo jogo das luzes se estendendo no lado exterior da galeria.

É possível que ao leitor tenha ocorrido perguntar-se o motivo dessa inovação, pois até agora não se cogitara, no Recife, de cobrir-se uma rua, verdadeira que uma "mignon" rua em curva, com 7 escassos metros de faixa de rolamento. Também o DIÁRIO DA NOITE quis saher o porque, o como é o para que dessa espécie de lago em concreto que vai conferir um aparente ar de bons siameses ao Almare e ao Almare-Anexo. Tomou então a sua reportagem o caminho dos escritórios da firma construtora Figueira & Juçá, no in-

tuito de satisfazer a sua curiosidade e a dos seus leitores.

E agora, damos uma condensação do que nos explicaram, com a maior gentileza, o engenheiro Manuel Figueira e o arquiteto Hugo Marques, este como autor do projeto e aquele como um dos sócios da firma responsável pela sua próxima realização.

AS VANTAGENS DO PROJETO

Explique-nos o engenheiro Manuel Figueira:

"Idêntica a essa galeria é "Le Passage du Panorama", que ninguém que tenha visitado Paris desconhece, a qual serve de intermediária a dois boulevards". Na Berlim de antes da guerra, havia inúmeras e seria bastante recordar a esse respeito a documentação fotográfica constante de vários números da revista "Modern Beaufort". O mesmo iríamos encontrar em Londres, Stokholm e em várias outras capitais europeias bem como em numerosas cidades norteamericanas. E, sem sair de casa, não precisaria mais do que citar o Rio de Janeiro, com sua galeria do edifício Candelária, servindo de intermediária entre a rua de São José e a avenida Nilo Peçanha e constituindo a ligação da rua Rodrigo Silva com a avenida Graça Aranha, ou indi-

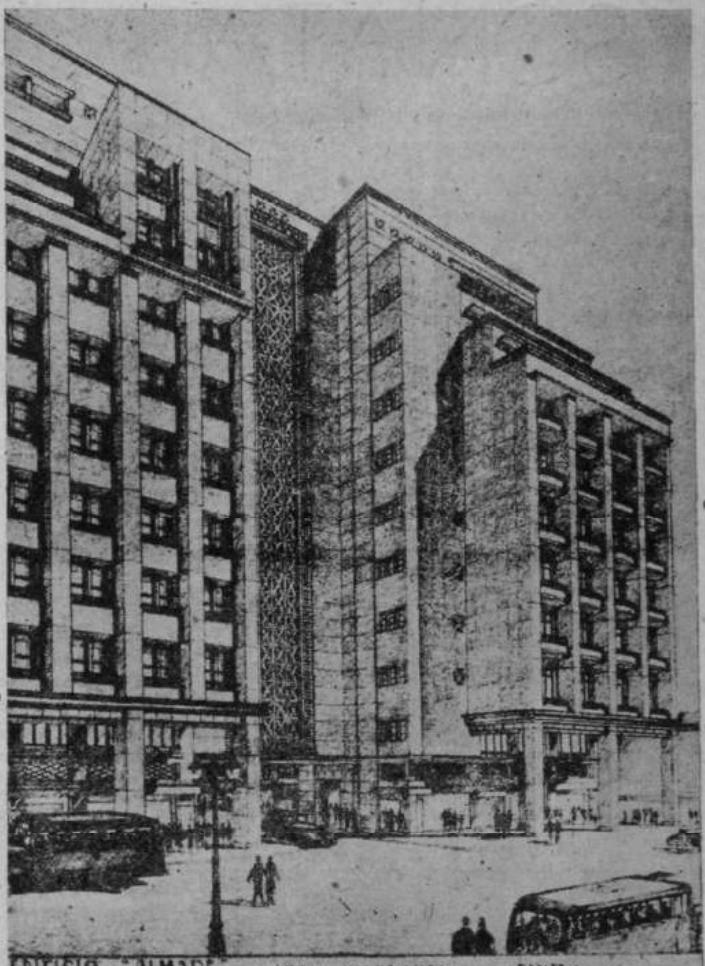
car as que se acham projetadas nas ruas transversais à antiga avenida Getúlio Vargas, hoje Castro Alves.

Entre as vantagens da nossa galeria, além das que nos interessam mais de perto, como seja a facilidade de se comunicarem os nossos inquilinos, de andar para andar dos dois edifícios, podemos indicar: o agravamento na solução do problema da "fila" e o abrigo que se preparará ao pedestre, contra o sol e a chuva; a sua importância sob o ponto de vista da estética, concorrendo para enriquecer o panorama urbanístico da cidade; e a dupla vantagem oferecida à prefeitura, econômica e financeiramente, pois, ela ficará livre do ônus decorrente da pavimentação, conservação e iluminação da galeria, e ainda se beneficiará da arrecadação dos impostos referentes às áreas construídas sobre a galeria.

Sobre o ALMARE ANEXO

Neste ponto pedimos ao engenheiro Manuel Figueira algumas detalhes sobre a construção do Almare Anexo.

"Não podíamos utilizar a área da rua que continua sendo pública e sob a qual passa uma galeria de águas pluviais, para estabelecermos as fundações auxiliares do Anexo, nem deveríamos, como medida de



Assim ficará o importante bloco dos Edifícios Almare —

precaução, construir fundações contíguas às do Almare, já que estas se acham sob a ação da carga pre-estabelecida. Ocorreu-nos, então, adotar a treliza com altura de um pavimento e cuja composição permitirá claros suficientes para a instalação das esquadrias constantes do projeto.

Admitimos que a solução produz arrepios nos leigos e até mesmo nos profissionais desconhecedores dos detalhes que a indicaram. O próprio ineditismo de que ela se reveste justificaria tais arrepios.

A MODALIDADE ESCOLHIDA

Segundo a modalidade escolhida para o edifício Almare, ter-se-á uma estrutura do tipo monolítico, respeitando sobre blocos e aspas armadas ... de fôr o caso, adotando-se 2kg/cm² para taxa mínima do trabalho do terreno. Nesta estrutura deve-se dar lance ao emprego de treliza em concreto armado, funcionando em balanço e cobrindo um lance de 10,00m, exatamente a largura da rua existente, por sobre a qual se criará a galeria desde o piso da sobreloja até o último pavimento.

Está fora de dúvida que se trata de uma estrutura muito pouco ou quasi nada generalizada, pode-se dizer que de construção especializada, exigindo cuidados e controles especiais, emprego de materiais escolhidos, encarregando apoiando sobre caixotes de aros, de modo a se obter o "descimbramento teórico" indispensável, controlada e apreciada a primeira dessas operações com a apresentação do nosso Instituto Técnológico.

Acomodadas sobre a ação das cargas reais que irão suportar as trelizas — corres-

pontendo cada uma delas a um pavimento — serão ligadas entre si por meio de tirantes articulados, de maneira a formar um conjunto praticamente indissociável.

Embora para uma solução dessa ordem se possa lançar mão de dados práticos já observados em trabalhos semelhantes — "hangar" tipo Carquot, por exemplo — e mesmo que o nosso departamento de estrutura, a cargo do engenheiro especializado Ordino Cardoso, já tivesse estudado o assunto sob todos os aspectos, acharmos, como uma medida a mais de prudência, a construção de uma maquete em escala 1:5, utilizando-se os materiais a empregar na realidade, para assim, obtermos um conhecimento mais completo das solicitações ocorrentes e real comportamento das diversas peças constitutivas da treliza.

Isso foi feito, valendo ressaltar que nessa parte contamos com a colaboração valiosa do I. T. E. P. e demais colegas, todos atraídos pelo ineditismo do problema. Esses detalhes serão, depois, amplamente divulgados nos mínimos pormenores, para conhecimento dos colegas e como uma retribuição de nossa parte pelo interesse demonstrado.

A ARQUITETURA DO ANEXO

Não é por simples acaso que

a arquitetura do Anexo obedece às mesmas linhas e diretrizes do edifício Almare. Nem que vá manter excelente equilíbrio quanto à fachada da avenida 10 de Novembro, pois, sendo contíguo ao edifício Arnaldo Bastos, projetado pelo saudoso arquiteto Heitor Maia Filho, estabelecerá com o mesmo, nas linhas gerais da arquitetura, elementos de concordância os mais felizes. E que a futura obra foi projetada pelo arquiteto Hugo Marques, também autor do projeto do Almare.

O aproveitamento de áreas — diz-nos, ainda, o dr. Manuel Figueira — tanto nas relações entre terreno e área de construção, como entre esta e a área útil, e, também, os detalhes de iluminação, insolação, circulação e aeração, evidenciam, mais uma vez, os seguros conhecimentos profissionais do nosso projetista.

Ao despedir o reportero, o engenheiro Manuel Figueira declarou:

"E" o que posso transmitir ao DIÁRIO DA NOITE, sobre um edifício que, com seus onze pavimentos e sua beleza, será uma das mais impressionantes massas arquitetônicas do Recife. E, também, sobre a galeria, entre os dois Almare, para cuja construção adotamos uma solução inteiramente inédita; e que virá a ser a primeira construída no norte do Brasil".



Aspecto da passagem por esta cidade do sr. Júlio de Matos e sua família que viajam pelo "Serpão Pinto", com destino a Lisboa vendo-se também, entre os ilustres viajantes, o comendador Jaime Ferreira dos Santos, funcionário de alta categoria do Banco Comércio e Indústria de nossa praça

Leia na 2.ª página as bases do grande concurso de romances instituído por NORDESTE

SONATA A LILIAN

(Conclusão da pág. 11)

Mas no meio de tanta alegria eu me sentia inexplicavelmente assustado
e meus modos eram frágeis,
e minha timidez era assim exposta.

E todos diziam que eu estava muito melhor, e me deram muitos presentes.
E houve gritos e risadas na sala de jantar, e tédios de tâlheres e de copos,
e todos estavam muito alegres.

E eu sentia uma grande estranheza naquela festa.
E eu sentia bem que vivia numa época remota,
e me esquecia de mim próprio, e me esqueci dos variados brinquedos.

POR essa época mal tínhamos acôrdo dos dias, éramos sempre vagos, distantes.
Encontros que não tinham sido marcados vinham ao nosso quarto

e nunca foi tão grande em nós a tristeza do amor.
Era como se tivéssemos vivido mil vidas, era como se tivéssemos sofrido mil mortes,
e conhecíamos todas as dores, todos os disfarces.
Mas de repente tudo se transformou em precipitado e não houve mais surpresas.

Vivíamos lado a lado e mal ousavamos falar, como se uma doença estranha nos houvesse atingido.

OS dias de chuva tinham para nós o maior dos encantos.
Nesses dias eu transformava-me completamente.
Havia então em mim, nos móveis, em todos os objetos do quarto,
nos brinquedos, nos livros e nas flores que me traziam, uma vida

essencialmente diversa da dos dias ensolarados —
uma vida mais espiritual, mais concentrada, mais lúcida.
Gostava intensamente das pessoas que me rodeavam nesses momentos,
dos seus passos pesados e tímidos que ressoavam abafados
nas suas roupas de inverno, dos seus modos frios e distantes,
dos seus olhos onde nos dias de inverno todo o amor parecia ainda mais se concentrar.
O ar enregelado que traziam lá de fora, das árvores, de sob a chuva.
E quando me deixavam minha solidão não aumentava minha tristeza.
Ficava horas e horas submerso nos meus devaneios, vendo a chuva cair através das vidraças, o céu e o vôo nublado dos pássaros.

Ao anotecer Lilian chegava ao pé do meu leito, ainda envolta no seu belo capote azul, olhava longamente para os meus olhos que a febre dilatava, em seguida contava entre risos as suas traquinadas no pátio do colégio sob a chuva.

AO anotecer minha febre tornava-se mais alta e o delírio começava.

EU era um cavaleiro andante e caminhava pelas maravilhosas histórias que lera ou ouvira mamãe contar.
Era uma docura semelhante a dos dias de começo de convalescência ou de infância.
E à medida que minha infância se extinguia a convalescência se acentuava.
Quase já não havia mais para nós lances inesperados do destino que quasi tudo havia sido previsto nos menores detalhes durante as grandes fantasmagorias das noites de febre.
Mas nunca nos fatigou a repetição do espetáculo.

No salão onde à noite nos reunímos sempre como convidados para quem a porta se abrisse pela primeira vez.
Hesitavamos às vezes no limiar, mas a força obscura nos de pé, hirtos, a princípio, viam desfilar o cortejo.
Impelia para a frente, passávamos de sala em sala, em silêncio, contemplando o deslumbrante espetáculo, e ninguém se importava com o tempo (era como nos dias de rebolço de gente grande em casa).
Era como se vivêssemos as vidas que outros já viveram, mas nossa misteriosa obediência nos advertiu de que toda aquela grandeza que amavam, era infelizmente no futuro um perfume evanescente, do qual guardariam apenas como lembrança a magia (merredoura) de uma beleza extinta.

Foi quando Emi chegou, e esquecidos de todas as adversidades, de todos os preságios, fomos arrastados irresistivelmente no torvelinho dos seus gestos. Assim eu caminhei, através das mais graves experiências, da púrpura ainda da febre à sensação musical dos primeiros beijos.

E minha primeira escapada foi um pequeno passeio no jardim. E havia lá fora outras coisas igualmente graves: a luz, os tanques, os círculos, as alamedas, os largos espargos do parque por entre as árvores onde tantas vezes cismaram minhas lembranças.

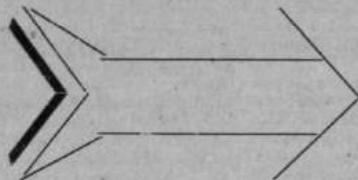
Mas tudo aquilo era outra vida, da qual por longo tempo eu me achara expulso, da qual, só agora, timidamente eu começava a participar.

E para lá do parque, além daquelas grades que me protegiam, estava o mundo, o começo da linha de sombra, toda a brutalidade da vida que me esperava. Ali, naquele limiar, despedi-me para sempre da infância.

TOMAS SEIXAS

Vista com distinção e com elegância comprando o seu vestuário nas

LOJAS PAULISTA



Voiles, fantasias, cambraiias finas, brins de linho, "panamás", sedas, musselinhas e grande variedade de tecidos de toda espécie, pelos melhores preços da cidade.

LOJAS PAULISTA

Fazendas

* Rua Nova * Praça da Independência * Largo da Encruzilhada *

COOPERATIVA Banco do Nordeste LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310

Endereço Telegráfico: "BANORDESTE" — TELEFONE N.º 6260
RECIFE — PERNAMBUCO

EMPRESTIMOS — DESCONTOS — DEPÓSITOS

Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especializada em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM
Presidente

WALDEMAR CARDOSO
Gerente

BANCO AUXILIAR DO TRABALHO

SOCIEDADE COOPERATIVA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital realizado	Cr\$ 710.470,00
Fundo de reserva	Cr\$ 24.212,00

DEPÓSITOS A MELHORES JUROS

Dr. João de Godoy e Vasconcelos
Diretor-Presidente

Dr. Carlos Araújo
Diretor-Gerente

RUA SIQUEIRA CAMPOS, 100 — TELEFONE: 6258



Uma sugestão da "CASA HOLANDA"

*A mais completa organização,
no norte do Brasil, para exe-
cução de móveis de requintado
gôsto e decorações interiores*

Casa Holanda Ltda.

*Criações próprias. Secção de
arquitetura especializada,
sob a orientação de técnicos*

*de renome. Tem projetado e executado os mais
luxuosos mobiliários e instalações para as pes-
soas de senso artístico*

CASA HOLANDA LTDA.

Escritório: RUA DA IMPERATRIZ, 265

Fábrica: RUA DA AURORA, 1255

RECIFE --- PERNAMBUCO

Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S. A.

Autorizado pela Carta Patente n.º 1476, de 20 de Abril de 1937, do Governo Federal (Diretoria de Rendas Internas)

13.º RELATÓRIO DA DIRETORIA, apresentado à Assembléia Geral Ordinária dos Acionistas, em 24 de fevereiro de 1947, referente ao exercício financeiro de 1946

SNRS. ACIONISTAS:

Em conformidade com o que prescrevem os nossos Estatutos e em obediência às determinações das leis vigentes, vimos com o presente, relatar-vos os fatos de maior evidência na vida do nosso Banco durante o ano de 1946, bem como submeter à vossa aprovação o Balanço Geral e as contas respectivas até 31 de dezembro próximo passado.

SITUAÇÃO GERAL

Mais um ano decorrido após o término da guerra e a luta pela conquista da Paz continua a desenrolver-se com toda a intensidade. As nações empenham-se a fundo por um acordo geral que venha por termo a inquietação que domina o espírito da humanidade e apesar de alguns progressos feitos, aqui e ali, ainda se não vê claro o futuro que lhe está reservado. As "demarches" sucedem-se e prolongam-se indefinidamente, mas em certos casos estabelece-se uma confusão maior dando origem às incertezas e incertezas da hora presente.

Os reflexos desta situação, projetam-se indistintamente sobre todas as nações e por isso não podiam deixar de afetar também o nosso país que, apesar disso, tem mostrado grande capacidade de resistência, enfrentando os obstáculos de ordem interna antepostos ao seu desenvolvimento económico com a decisão e patriotismo que caracterizam o seu povo.

As medidas governamentais exercitadas anteriormente, no setor financeiro, não surtiram os resultados que, por certo, delas esperavam os seus autores. A várias dessas medidas, deram as classes produtivas, a seu tempo, o concorso da sua opinião experimentada que nem sempre foi ouvida ou seguida como era mais aconselhável e por isso é de confiar agora, quando os problemas nacionais ligados a economia em geral, apresentam características mais fortes de uma premonição maior, que medidas acertadas, eficientes e prontas, oriundas dos poderes competentes que acreditamos se acham empenhados na sua eficaz solução, venham remediar ou pelo menos atenuar os males apontados, trazendo para os quadros da economia brasileira um programa de auxílio e de trabalho que lhe assegure perspectivas robustas de êxito. Indicado seria que se conseguisse por fortalecer as instituições de crédito, de tradição e de conceito já firmados, com medidas de apoio que lhes concedam o direito de trabalhar confiantes de que não estão lutando em vão contra a preponderância com que as circunstâncias favorecem idênticas organizações alheias ao nosso meio ou pouco interessadas pela sorte do nosso futuro.

A este respeito já o novo Governo teve oportunidade de prestar ao país, em caráter de emergência, consideráveis serviços de defesa econômica que produziram, a seu tempo, os benefícios a que se propunham. Necessário e urgente, é todavia, que prosseguia esse programa tão patriótico.

É nenhuma oportunidade mais propícia do que a atual, quando se está a processar o estudo de uma nova reforma bancária, para estabelecer e executar esse plano de ação o qual, se moldado nos princípios de uma doutrina econômica séria e honesta, terá de produzir um benefício dos altos interesses da Nação, os resultados compensadores a que faz jus o esforço e a operosidade dos seus filhos.

Algumas sugestões de primordial interesse, neste particular, estão consultabilizadas na Conferência que o segundo signatário deste Relatório, realizou em 24 de abril de 1945 sob o alto patrocínio da Associação Commercial de Pernambuco e da Federação das Indústrias de Pernambuco e foram encaminhadas aos poderes públicos com um memorial dessas entidades datado de 15 de maio do mesmo ano. Citando-as agora, apenas nos ocorre que elas poderão servir de contribuição ao estudo da reforma a que aludimos atrás.

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Apesar de se ter acentuado no exercício em relato, o retraimento geral dos negócios bancários, não perdemos de vista o programa a que sempre nos devotamos de procurar fortalecer cada vez mais a posição econômica do nosso Banco.

Gracias a esse procedimento, podemos repetir ainda agora que essa posição econômica é o maior expresso local da nossa solidade e o melhor índice de garantia que um estabelecimento deste gênero pode oferecer a todos os interessados que lhe estão confiados.

De fato, os alegriamente mais do que as palavras comprovam o nosso assertivo. Vejamos:

Data Inicial	Exercício	Exercício
31-8-1936	de 1945	de 1946
Capital do Banco	R\$ 12.000.000,00	R\$ 12.000.000,00
Realizado	R\$ 600.000,00	R\$ 329.750,00
Fundo de Reserva	R\$ 25.000,00	R\$ 549.985,60
		R\$ 642.088,60

NOSSA SEDE PRÓPRIA

Ainda não foi possível dar início às obras de adaptação da nossa sede própria, no imóvel

Lucros Suspensos	R\$ 01,40	506.196,40	306.347,90
Fundo de Depreciação de Imóveis	—	158.615,90	158.615,90
Fundo para Integralização do Capital	—	1.000.000,00	1.350.000,00
Fundo de Previsão	—	6.000.000,00	6.750.000,00
Fundos Pendentes	—	2.632.818,70	3.723.807,10
	625.901,40	19.148.086,60	21.231.219,90

tante edifício que para esse fim adquirimos à Avenida Rio Branco, 193. De um lado as dificuldades de deslocação dos seus ocupantes já oportunamente notificados e do outro a ausência na Europa, no último semestre, do nosso Gerente, em gozo de férias. Estes fatos concorreram para que se protelasse aquiesce trabalhos. Esperamos contudo dar-lhes, dentro em breve, a necessária execução.

RESULTADOS

De acordo com a demonstração já feita em 12-1-1947 através da imprensa local, do nosso Balanço Geral e da Conta "Lucros & Perdas", totalizaram-se em Cr\$ 14.372.988,70, os lucros brutos desse exercício, cabendo ao primeiro semestre Cr\$ 7.255.207,70 e ao segundo Cr\$ 7.117.781,00 adicionado o saldo da C/ Lucros Suspensos, de Cr\$ 420.011,20

RECEITA, totalizou-se em Cr\$ 14.793.000,00 e fez face aos seguintes encargos e aplicações:

Despesas Gerais	1.079.122,40
Ordenados e Gratificações	2.806.817,80
Juros pagos e creditados	7.418.538,30
Impostos e Contribuições	631.381,80
Amortizações, Depreciações e Prejuízos	317.376,90
Fundo de Reserva	101.713,30
Percentagens da Diretoria	203.126,60
Dividendos 24.º e 25.º, a razão de 10% ao ano	828.975,00
Fundo para int. do Capital	350.000,00
Fundo de previsão	750.000,00
Lucros Suspensos para o semestre vindouro	306.347,90
	Cr\$ 14.793.000,00

Cumpre-nos esclarecer, na apreciação destes resultados, que houve, comparativamente ao exercício anterior, uma recente menor despesa maior. Em ambos os casos verificou-se a influência dos fatores de ordem social e econômica a que nos referimos no início do presente relatório e quanto à última, destacamos apenas a verba mais elevada que para esse aumento concorreu, seja de "Ordenados e Gratificações".

No ano de 1945, tal verba cifrou-se em Cr\$ 2.429.330,00 e neste exercício, atingiu o montante de Cr\$ 2.806.817,80

consistindo-se, portanto, um aumento efectivo em 1946 de Cr\$ 376.488,80 em parte engendrado na decisão Ministerial de fevereiro desse mesmo ano.

FUNDO DE RESERVA

Já tivemos oportunidade de nos referirmos à linha de conduta que orientou o nosso programa de trabalho desde os primeiros da nossa gestão administrativa a respeito da constituição das nossas reservas econômicas.

Mercê desse procedimento a que obtemosamente nos devotamos, podemos agora destacar como uma das nossas decisões mais felizes e acertadas sob o ponto de vista atual, colocando o nosso Banco à altura do momento que vivemos, num p.º de segurança altamente expressiva.

Ao encerrarmos o exercício, nossas reservas se totalizaram na vultosa quantia de Cr\$ 12.941.469,80 e estavam representadas nos seguintes títulos e valores:

Fundo de Reserva legal	642.088,60
Lucros Suspensos	306.347,90
Fundo p/Depreciação de Imóveis	158.615,90
Fundo p/Integralização do Capital	1.350.000,00
Fundo de Previsão	6.750.000,00
	Cr\$ 9.207.562,70

Outros Fundos Pendentes com finalidade específica contingente

TOTAL Cr\$ 12.941.469,80

DIRETORIA

Cel. João José de Figueiredo: Et com profundo

de pesar que rendemos a homenagem da nossa saudade à memória da nobre figura de cidadão que foi o Cel. João José de Figueiredo, falecido a 23 de abril de 1946. Entre os vários e importantes cargos que desempenhou nos meios comerciais, econômicos e sociais desse Estado, sobressaiu o de Diretor da Companhia Phoenix Pernambucana a qual deu durante muitos anos o melhor da sua capacidade realizadora e inteligência de ação.

No nosso Banco desempenhou as funções de Conselheiro Fiscal e ultimamente a de Diretor-Secretário, na vaga deixada por outro prestimoso pernambucano que foi o saudoso dr. Arnaldo Olinto Bastos.

Com a eleição realizada a 21 de fevereiro de 1946 o Conselho Diretor do nosso Banco ficou composto dos seguintes acionistas:

Arnaldo Almeida Alves de Brito — Presidente (re-eleito). Dr. José Adolfo Pessas de Queiroz — Vice-presidente (re-eleito). Dr. Mário de Barros Guimarães — Diretor-Secretário, os quais se mantêm no perfeito desempenho das suas funções.

Durante a licença ultimamente concedida ao nosso gerente, foi este substituído pelos Sub-gerentes, snrs. Hildebrande de Souza Breckenfeld e Waldemar da Silva Teles com a supervisão do dr. Mário de Barros Guimarães que seouve suas funções, com a capacidade e competência a um perfeito técnico, sendo digno dos nossos louvores e agradecimentos.

CONSELHO FISCAL

Com a devida regularidade funcionou o nosso Conselho Fiscal com a presença dos seus membros efetivos, snrs. dr. Thomaz de Oliveira Lobo, Comendadores Alfredo Antônio Fernandes e Daniel Antônio Rodrigues. Na ausência eventual dos últimos foram chamados os Suplentes Mirocim da França Navarro e José Fausto Corrêa Lima.

Para o seu parcerial transcrivo a seguinte declaração:

Nesta reunião deverão ser eleitos os membros componentes deste órgão social, para o exercício de 1947.

PESSOAL

No tópico do presente relatório sobre "Re-sultados", tivemos a oportunidade de salientar que a verba mais elevada que figurou no aumento da DESPESA, foi a que se referia à remuneração do pessoal do Banco, em face de uma decisão Ministerial compulsória.

Necessário é todavia que se note que o nosso interesse em beneficiar o nosso pessoal, não decorreu nunca antes de qualquer compromisso oficial ou extra-oficial, e sim na franca espontaneidade que nos caracteriza em premiar sempre da melhor forma possível a dedicação e o esforço daqueles que conhecem cooperam e fazem na razão direta das possibilidades que o montante dos nossos resultados nos pudesse oferecer, em cada exercício vencido.

Haja visto, por exemplo, o que ante particular, já vinhamos fazendo até o ano de 1944, em cujo exercício a verba de "Ordenados, Gratificações e Ações de Guerra" se elevou a Cr\$ 1.314.716,50 e em 1945, quando atingiu a Cr\$ 2.429.330,00 estando presentemente totalizada em Cr\$ 2.806.817,80

A diferença para mais, entre 1944 e 1946 é exatamente de Cr\$ 1.201.161,50, quasi o dobro de que era há dois anos.

CONCLUSÃO

Finalizando o presente, julgamos ter vos relatado o que de mais importante se evidenciou na vida do nosso Banco no decorrer do ano de 1946.

Se todavia desejardes melhores e mais detalhados esclarecimentos, estamos intimamente à vossa disposição para vós prestar. A Deus agradecemos o privilégio de termos podido viver mais esta etapa com o mesmo êxito dos exercícios passados e de nos proporcionar um índice maior de segurança para continuarmos no futuro a marchar firmes e confiantes em novas vitórias a par com a felicidade e grandezas que desejamos para a nobre Nação Brasileira.

Recife, 23 de Janeiro de 1947.

a) ARNALDO ALMEIDA ALVES DE BRITO
Dir. Presidente

b) JAYME FERREIRA DOS SANTOS
Gerente

PARECER DO CONSELHO FISCAL

De conformidade com as determinações Estatutárias e dispositivos da Lei que rege as sociedades anônimas, reunidos em sessão na sede social do BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO S. A., procedemos à verificação de todas as contas correspondentes ao Balanço encerrado em 31 de dezembro de 1946 e após o exame nos livros e demais documentos que nos foram apresentados, concluímos achá-los tudo em perfeita ordem e clareza.

Pelo exposto, e situando este Conselho de pleno acordo com a aplicação dada aos resultados apresentados, somos de parecer que sejam aprovadas todas as contas do exercício de 1946 e os demais atos praticados pela Diretoria.

Recife, 23 de Janeiro de 1947.

a) THOMAZ DE OLIVEIRA LOBO
a) ALFREDO ANTONIO FERNANDES
a) DANIEL ANTONIO RODRIGUES

TERRA e POVO

NO ROMANCE de JORGE AMADO

(Conclusão da pág. 4)

estilo de vida humana e social até historicamente. Isto porque, nós sabemos, a unidade cultural do Norte é muito maior do que outra qualquer do Brasil. O que não acontece no Sul entre São Paulo e Rio, por exemplo, de um extremo a outro diverge apenas naquilo que é rigidamente local e, por isto mesmo, constitui mero acidente que não altera, sob nenhum feticção, o quadro espiritual nordestino, nem quebra o ritmo de vida. Se, em compensação, cria um ou outro problema específico, modificando um quase nada o temperamento do nortista, o paludeano — para me servir duma expressão pouco usual de Proferenius — será o mesmo.

E o que a gente pôde constatar, comparando os personagens de Jorge Amado, criaturas enraizadas no solo da Bahia, a muitos personagens de Lins do Rego que nasceram e morreram no Recife. Moleque Ricardo, figura das mais vivas em todo Círculo da Cana de Açúcar, inclusive entre o maior poder trágico de Lins do Rego, ném de significar a

OODO, ap. *apropioswarp op soperefoso ovi sodis vapante MORTO*, — neste romance, aliás é onde parece se concentrar a afirmação definitiva do seu estilo e da sua técnica; moleque Ricardo, que vem impregnado do cheiro gostoso de mel de engenho e barro gradado nas canelas, é um ser semelhante a Guma, um filho do mar.

Há evidentemente certa disparidade entre um e outro: o romance de Lins do Rego se caracteriza por qualidades excepcionais de narrativa e introspecção naquele aspecto individual; dai construí-lo em forma de memórias, mas o que sobressai em Jorge Amado é uma extraordinária capacidade de observação social e, às vezes argumentativamente psicológicas também, digam o que disser sobre a sua insensibilidade para fixar estados distorcidos de alma. Disparidade que se acentua mais ainda quando os seus autores participam da vida das próprias criações e não podem deixar de emitir sua opinião pessoal. Esta participação é mais ativa no caso de Jorge Amado e por isto ele se torna mais humanitário e generoso. O drama de Guma o atinge diretamente. Ao passo que Lins do Rego se faz um tanto indiferente à sorte do moleque Ricardo — e a vida patrícia, os senhores de sangue, a bigagneria contemplada da varanda da casa grande, a sua situação de descendente da arruinada aristocracia rural, tudo isto parece-lhe seduzir exclusivamente. A impressão é que Carlos de Melo é um egoísta. Entretanto, nenhuma diferença fundamental notamos entre as criações destes dois romancistas do norte, quanto ao palavrismo. Para onde quer que as mudemos, de um ponto para outro da região, elas permanecem no fundo as mesmas, inalteráveis. Mais do que tudo, varia a atitude pessoal de cada um dos autores, impossível de esconder atrás da desculpa leviana de imparcialismo. Escritor não é escrava, já se tem dito. Para essa categoria de homens como Jorge Amado, homens do seu tempo, da sua terra e do seu povo, homens com a preocupação bem atual de justamente destruir o falso conceito do abstracionismo, tanto em arte como em outra qualquer manifestação da inteligência ou da sensibilidade, por uma preocupação quase ética, ou por uma fé, como a dos escritores católicos embora em termos diferentes, pelo destino do homem na sociedade, seria até ridículo elas se contraporem a sua diretriz ideológica. Porque nêles, além de ser uma exigência de temperamento, é um sistema de estética, o que condena a arte em si mesma como artificial e inexpressiva. E eu ainda mais estendo este conceito defendendo um princípio de criação artística inteiramente livre, não só que permitisse a união daqueles elementos de escolas literárias, e romântica, a naturalista, a realista, a psicológica, a social, permitisse a união daqueles elementos de escolas literárias, e fixar os diversos aspectos do homem e do mundo e conseguir efeitos emocionais bem complexos, acima dos exclusivismos e da própria lógica da crítica, de sua monstruosa hierarquia; como creio que a literatura, em particular o romance, deveria ser a imagem fiel do seu criador, com todos os exageros de imaginação, incongruências e até com os chamados êros de estilo: uma espontaneidade de conteúdo e de forma. Liberdade em face da vida ou da sociedade e diante da própria criação artística também. Ou seja que a arte vai de tal modo se distanciando do homem que falar nêles significa ser mau artista? Quando vejo alguém condenar as "atitudes" do artista penso que se está proclamando a volta à "arte pela arte", ao esteticismo puro. Absurdo.

A atitude de Jorge Amado, se é que ele tem atitude, consiste em participar de perto do destino dos personagens, sofrer os seus dramas míticos. E creio que isso é fez muito por princípio político do que por temperamento de homem de sua terra e do seu povo, como já disse. A posição do romancista é a mesma, quer se tratrem de injunções, sociais ou de crises morais que os arrastam ao desespero, ao misticismo, ao crime e à vagabundagem, — posição de inconformado, de revolucionário. Diferente da de Lins do Rego, pois os homens que vagam pelas suas páginas, são uns timidos, uns resignados ou uns pessimistas. Não têm força para lutar. Carlos de Melo é um parasita, moleque Ricardo sente-se escravo da padaria de seu Alexandre; de noite sonha com sua mulata no fundo do quintal, e é envolvido contra vontade numa revolução, revolução que por sinal fracassa e os operários se entregam a um ceticismo dissolvente. Os parentes do engenho morrem de estagnação, de loucura, de vício. Tudo é sombrio e despcionante. As criaturas de Jorge Amado, ao contrário, têm uma madrugada no coração: há uma grande esperança nos seus livros; em MAR MORTO os estivadores, a professora, o doutor, todo mundo espera um milagre. Guma faz contrabando, só em cima do madeirame do saveiro para melhorar de vida. Os homens brigam de peixeira e não temem a aventuras: famílias inteiras, de gerações a gerações, se exterminam com o mesmo impato e ferocidade daquelas duas famílias de BODAS DE SANGUE. Os personagens de Jorge Amado reagem de qualquer maneira, não se rendem à sibéria, não se fatigam, à tristeza, à ruína, como os de Lins do Rego. Mas Lins do Rego quer mesmo exprimir um sentimento de desgraça, o que ele vê da decadência do sangue, da dissolução da família, da extinção do seu mundo, o que simbolicamente seria a queda de toda uma civilização, a patriarcal e nobre. Jorge Amado é um anunciamor de mundo novo. Ele não viu o necessário desmoronamento do mundo velho, só tem admiração pelo mundo novo.

Lamento que o notável biógrafo de Rio Branco, cuja critica tem sido sempre um exercício de equilíbrio e bom senso, pudesse, por esta razão, considerar a obra anterior a JUBIABA ou MAR MORTO — não me recordo bem — como experiências que ficaram fora da literatura. Tenho o sr. Alvaro Lins na conta de um revolucionário, que procura novas formas e novos métodos para enriquecer mais e mais a sua atividade de crítico, a qual ele considera um dever profissional. De um inovador ou de um irreverente, para quem esta atividade de crítico é também e, sobretudo, criação e esclarecimento de fenômenos sociais. Creio mesmo que PAIS DO CARNAVAL ou SUOR não representam grandes livros, na medida em que reúnem IAIA GARCIA ou HELENA, de Machado de Assis. Mas, fóra da literatura é que repito francamente um exagero, pois elas quando menos indicam as primeiras tentativas do romancista e servem de elemento para explicar toda a sua obra. Pergunto se seria possível ao crítico de hoje analizar a obra machadoana sem a apreciação detida da MAO E A LUVA ou das HISTÓRIAS DA MEIA NOITE: perceber a posição singular do autor de MEMORIAS POSTUMAS em face do romantismo decadente e do naturalismo vitorioso sem antes investigar o caminho inicial com a impetuosidade de quem então não havia conquistado o rumo definitivo, mas de algum valor literário — exatamente o que significam aqueles primeiros volumes de Jorge Amado, através dos quais, do seu realismo crú e do seu estilo unhas vezes bombástico, outras melifluo, já se podia descobrir qual a força prodígiosa do romancista de TERRAS DO SEM FIM, especialmente o primarismo tão brasileiro e até americano de sua arte. Primarismo que, se para mim seria o melhor sinal de uma literatura brasileira autêntica, por corresponder a nossa evolução cultural ainda em estágios inferiores — a nossa cultura e a americana em geral — para muita gente é uma lastimável ignorância.

Onde o sr. Alvaro Lins pareceu-me particularmente injusto foi nos seus comentários a respeito do ABC DE CASTRO ALVES e VIDA DE LUIZ CARLOS PRESTES, aqueles dois grandes livros no mesmo tempo de interpretação histórica e sociológica de duas épocas, talvez as mais agitadas de toda nossa evolução democrática, e de reconstrução das figuras do poeta libertador de uma raça e de um político, ou simplesmente homem do povo, sobre o qual definitivamente podemos fazer silêncio, por mais duro que sejam os antagonismos de idéias. Sobre o primeiro talvez esteja até de acordo com a opinião do crítico de HISTÓRIA LITERÁRIA DE ECÉ DE QUEIROZ, porque na verdade nunca li esta biografia. Mas, se ela foi construída dentro do espírito que orientou a composição de VIDA DE LUIZ CARLOS PRESTES — O CAVALEIRO DA ESPERANÇA, se existe por ventura alguma semelhança entre a do poeta e a do líder do proletariado, e bem possível que haja, pois estamos diante de dois temperamentos, de duas vocações de lutadores corajosos, de idealistas — pouco importando se bons ou maus idealistas — só pode tratar-se de uma grande biografia. E é bom esclarecer: não sob o meio de ser acusado de comunista, mas para excluir qualquer parcialismo na minha opinião, que julgando o livro A VIDA DE LUIZ CARLOS PRESTES não estou de modo nenhum caindo no erro das paixões políticas. Interessa-me no caso a obra, a peça literária em si mesma. Sei por outro lado que apenas a sugestão do título poderá preparar o espírito de quem, não olha com olhos complacentes o gigantesco movimento operário que estamos assistindo para uma negação intransigente da obra. Procuro, porém, refletir serenamente e dela já não posso dizer, como o sr. Alvaro Lins, que é uma obra de propaganda, de doutrinação. E partindo desse argumento desprezê-la inteiramente. Não sou católico praticamente mas nem por isso deixo de reconhecer o alto valor artístico de livros até apologéticos sobre figuras da Igreja. Um personagem histórico como Joana D'Arc serviria de inspiração para um grande romance ou poema; pela mesma razão uma figura de herético, de político, de herói. Desprezando-a sem mais consideração não nos mostrou o sr. Alvaro Lins nem os possíveis defeitos de VIDA DE LUIZ CARLOS PRESTES. Ou não encontrou a mínima qualidade nas páginas desta movimentada e romanesca biografia? Está ai uma coisa que não creio. VIDA DE LUIZ CARLOS PRESTES poderia até ser a descrição da existência de um homem mediocre, sem nenhuma expressão humana ou social; vou mais longe: poderia até ser a vida de Lampião ou Antônio Silvino, mas mesmo assim não perderia os seus ricos atributos de verdadeira obra de arte. Uma biografia como nunca se escreveu no Brasil. Ai estão admiravelmente utilizados todos os elementos que constituem a grandeza dos seus romances. A gente talvez pudesse duvidar da verossimilhança do material histórico, devido à complexidade e acumulação de fatos, episódios, detalhes, porém tudo está escrito com aquela sua desordenada beleza de estilo, e o poder de caracterizar exterior e intimamente os seres que manejou aqui está ainda mais apurado. Quando digo acima uma biografia como nunca se escreveu no Brasil, estou pensando na originalidade, pelo menos técnica, na estrutura diferente, nessa maneira particular de se estudar uma vida e uma época.

Fora o caso de um preconceito, não se pode dizer que os romances de Jorge Amado formam uma literatura de traç, simples pretexto para atingir fins que não de todo alheios aos maiores estéticos do romance. Do romance sem mistura, sem hibridismo, sem o pitoresco e o sensacional das reportagens, nos quais encontrásssemos "um enorme talento de romancista" mas poucos recursos de escritor.

Não vejo uma literatura verdadeiramente social nesse caráter político que pretendem impingir a Jorge Amado. Vejo, sim, reações de um artista que nunca perdeu a humanidade. Mesmo naquelas livros da juventude, o humanitarismo do homem não empanou as qualidades do artista. Raramente alguém trabalhou com maior perfeição a técnica tradicional do romance, e sabe inventar situações verídicas, e sabe comunicar vida aos seus personagens. Mas Jorge Amado é sobretudo um estilista admirável, sem a correção clássica de um Graciliano Ramos, é verdade, porém muito mais humano, muito mais flexível. E muito mais compreensivo, característico indispensável a uma arte substancialmente popular e que se explica melhor do que tudo pela vida. O mesmo podendo dizer-se da linguagem. Um estilo grosseiro como a fala desbocada dos homens do cais do porto, dos camponeses das fagendas do sul; ou sensual

como a voz das mulatas; ou poético como certas coisas velhas da Bahia. E como certas coisas velhas da Bahia: sinuoso, construído sem grande rigor lógico. Um estilo intuitivo, ao contrário de um estilo de superfície. Sinto que aquela corrente clássica de Graciliano Ramos em SAO BERNARDO seria um despropósito mesmo em TERRAS DO SEM FIM, uma improposito. Em Graciliano Ramos a arte fica no plano da vida, competindo com ela; em Jorge Amado, a vida é que dá sentido à arte. Não sei se indevidamente, se transformando-a para o meu ponto de vista, tomo a definição de romance vital e poesia vital.

Assim é que sem fugir à poderosa influência da terra e do povo, antes com elas identificada profundamente, a poesia está presente em quase todo romance de Jorge Amado, até naquelas que parecem excluir a mais próxima poesia do homem, em que esse homem de carne-e-sosse e o mundo flagrante tomam conta de tudo, não deixando vaga a nenhuma expressão mais bonita, de efeito apenas emotivo. Aliás, claro que esta não é nem poderia ser a poesia de Jorge Amado. Literatura que incarna a realidade mesma, que traz a marca do homem vivendo com os pés firmemente apoiados na terra, se tivesse uma poesia emocional pura, seria um contrassenso. Como também seria um contrassenso se tivesse aquela outra forma de poesia que reduz o mundo circundante à categoria conceitual de símbolos. (Sim, porque eu penso que a arte realista serve-se muito menos da lógica que da intuição. A lógica tornaria esta arte uma coisa inerte, dissecada, enquanto que a intuição, compreendida como um sentido natural, um instinto pelo qual o homem mais rude chega à aprendizagem direta do dever, não só mobiliza a realidade como lhe dá o verdadeiro cunho lírico).

Por isto, leitores, qualquer romance de Jorge Amado será sempre uma mensagem de poesia que não desce ao jongo sonoro de palavras, nem se artificializando no hermetismo logístico, todos gostam e entendem. Quero dizer: entendem esta mensagem aqueles que, como Jorge Amado, conseguem penetrar o fundo poético da realidade, — este fundo poético que não resulta em nenhum mistério, cujo único enigma para ser decifrado exige da gente apenas querer tomar a terra e o povo mais do que como vagas representações sentimentais ou simples motivos para fazer literatura. Terra e povo como exclusiva, real e permanente fonte de vida. Este convite de MAR MORTO com que vou terminar é bem uma amostra de como a poesia de Jorge Amado consiste numa exaltação comovida de Terra e de Povo: "Agora eu quero contar as histórias da beira do cais da Bahia. Os velhos marinheiros que remendam velas, os mestres de saveiros, os pretos tatuados, os malandros, sabem essas histórias e essas canções. Eu as ouvi nas noites de lua no cais do mercado, nas feiras, nos pequenos portos do recôncavo, junto aos enormes navios suécos nas pontes de Ilhéus. O povo de Iemanjá tem muito o que contar".

Recife, Agosto de 1946.

HAROLDO BRUNO



UM NARIZ POPULAR

— Meu nariz consiste numa dessas lâmpadas comuns usadas em todo o mundo. Por este motivo reivindico, para mim, a condição particular de possuir o nariz mais popular do mundo.

Não há muito tempo Edison inventou meu nariz e, desde essa data, grandes passos foram dados para aperfeiçoá-lo. Hoje em dia presta inestimável serviço à Humanidade, não apenas como fator primordial de uma visão melhor, mas, também, como protetor contra os perigos decorrentes da escuridão — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

POESIA VIVA

(Conclusão da pág. 6)

Os que não compreendem — e não procuram dizer, os que não querem compreender, porque afinal se assim o são do mesmo modo não compreendem, provado que está que compreensão é fenômeno ativo de absorvente paixão — podem acusar a poesia de Carlos Drummond de Andrade, de poesia intencional, de poesia *linha justa* e eu para defender o poeta e afirmar que amo a sua poesia direi que é realmente poesia intencional, poesia *linha justa* de um ideal e de uma emoção mais intiores, puramente espirituais, que não podiam deixar de coincidir com intenções e *linhas justas* de outros homens, porque ser poeta é participar da vida no seu tempo e ser a mais sensível das criaturas e se apaixonar pelos sofrimentos e alegrias da humanidade.

Só uma vez, inexplicavelmente, não o comprehendo, eu que sou leitor, pertendo à classe geral dos leitores e como leitor é que falo. E' quando à "Procura da poesia" (2), o poeta dá conselhos que a meu ver estão em completo desacordo com sua intencionalidade lírica, empregando a expressão no sentido de interior, do que de dentro, da inteligência e do coração vem. Aconselha o desprisco pelo acontecimento, a morte e a criação, o amor da cidade, as afinidades e os sentimentos, a infância e a idade madura, e prega a paciência de esperar que cada poema se realize por si mesmo, passivamente, pela construção das palavras. Inexplicável e fria procura da poesia que contudo não quebra o ritmo vivo e apaixonado da coleção dos poemas. Na "Consideração do Poema", entretanto, o poeta faz a sua afirmação poética, muito diferente daquela fria procura de versos, daquela paciente elaboração do poema:

"Estes poemas são meus. E' minha terra e é mais do que ela. E' qualquer homem ao meio-dia em qualquer praça. E' a [lanterna] em qualquer estalagem, se ainda as há — há mortos? há mercados? há doenças? E' tudo meu. Ser explosivo, sem fronteiras, por que falsas mesquinhez me rasgaria? Que se depositem os beijos na face branca, nas principais rugas! O beijo ainda é um sinal, perdido em [hora, da ausência de comércio, boiando em tempos sujos.

E' assim que se mostra o coração do poeta. Tem existência viva, é sensível, exposito, abomina as couraças que o fechem, o protejam e o transformem em matéria dura, impenetrável, e a sua fé em alguma coisa muito superior, posta acima de tudo, é inabalável:

"Vamos, não chore...
A infância está perdida.

A mocidade está perdida.
Mas a vida não se perdeu.

Acima de tudo, acima de uma infância e mocidade perdidas, a vida está sempre presente e a sua presença é a força de uma fé que se alimenta dessa certeza de ela nunca perder-se, e portanto não há motivos para o desespero dos homens que não possuem infância, mocidade, amigos, casa, terras, direito de propriedade, mas têm um céu e podem olhar o mar e não consolados pelo poeta. Pior é a morte estúpida encontrada numa madrugada pelo leiteiro, moço do povo que ficou estirado no relento, sem pressa:

"Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,
se era ságiere, se era bom,
não sei,
já é tarde para saber."

Mas o poeta sabe que a vida não parou, não se perdeu e a esperança continua a existir no coração, que tudo não é só confusão e noite, que no ladrilho escorrem leite e sangue do leiteiro, moço do povo, mas as

"duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora".

(1) Carlos Drummond de Andrade, ROSA DO POVO, Livraria José Olympio Editora.

(2) Idem, idem.

MAURILIO BRUNO

Casa Almeida

Pedro Barboza

Banqueiro da EQUITATIVA (Cia. Nacional de Seguros de Vida)

Agente da STANDARD OIL CO.

Ferragens, Estivas e Refinação de Açúcar

Endereço Teleg. "CASALMEIDA"

INSCRIÇÃO N.º 9

RUA DA NOTÍCIA N.º 22

PALMARES — PERNAMBUCO

THE GREAT WESTERN OF RAILWAY COMPANY LIMITED

SERVIÇO DE BAGAGEM

Providencie o despacho de suas bagagens com a devida antecedência, evitando atropelos de última hora, cooperando assim para a marcha dos trens em seus horários.

Não procure conduzir, nos carros de passageiros, volumes excessivos de 30 quilos, pois volumes de maior peso e grandes dimensões podem ser apreendidos nos trens a fim de ser despachados, sendo aplicadas ao frete as tarifas em dôbro, com o peso mínimo de 50 quilos.

Verique se suas bagagens estão distinguidas com o nome do recebedor e estação de destino, retirando dos volumes todos os disticos usados.

A falta de disticos muitas vezes resulta no desaparecimento de volumes e consequente aborrecimento a quem os despacha.

*

TOMAR O TREM EM MOVIMENTO É PERIGOSO

COMODIDADE - RAPIDEZ - ECONOMIA - SEGURANÇA

Recife, 13 de maio de 1947.

A ADMINISTRAÇÃO

A FESTA ESTÁ NA PORTA!

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAG.)

convivência amável e intensa desses passadores de Festa, ou porventura por excesso de pessimismo já havia quem num rodapé lastimasse só prevalecerem nos arrabaldes as novenas porque não houvessem mais como dantes teatros e clubes. Nem mesmo as reuniões familiares com jogos de prendas.

Apenas as festividades religiosas facultaram "tirar-se o ventre da miséria nos corpos das igrejas ou nos páteos ornamentados". Entre nuvens de incenso era "poético o galanteio". E o jornalista afirma que "as moças levam às vezes as lampas aos próprios rapazes". Salvara-se dessa apatia, por exemplo o novenário do Monteiro. "A bandeira levantou-se por uma soberba noite deuar. Do fundo iluminado da casa do balle desprendiam-se em linhas rectas dois fios de luzes, cujos reflexos avermelhados destacavam um mar ondulante de embocas e coques. Os moços trajavam bineta e gravata branca; as senhoras arrastavam na longas caudas dos vestidos negros, sustentando nas mãos enluvadas duas fitas vermelhas que iam prender a um vaporoso carro de triunfo".

A essa descrição da noite da bandeira adunzia-se uma censura ao espírito regionalista dos monteirenses.

Não tinham sido convidados os *apipucanos* e os *timbas* "como chamam aos habitantes do Poço".

Adiante o repórter emitia este juizo, bem plausível, ao ser queimada uma girândola.

"Não há coisa mais estúpida do que a invenção dos foguetes!"

E comentava a inconveniência de se lançar ao espaço centenas de tabocas que voltam à terra por cima de milhares de cabeças descobertas... Felizmente "O balão que então subiu ao ar atraiu todas as atenções e fez esquecer esse desagradável acontecimento".

Para maior compensação, as mulheres que enchiam o pátio eram geralmente cheias de graças — "desde o tipo brasileiro com sua pele morena e olhos pretos até a beleza europeia". E note-se ser o jornalista do redipe exigente pois escrevera antes:

"Em que pesa as amáveis leitoras, confessemos-lhes que nesta fadada terra de Pernambuco o bello sexo é em grande maioria feio; nos bailes e nos teatros é forçoso que o espectador contente-se com as sympathicas casas".

As novenas do Monteiro faziam exceção, aos olhos desse folhetinista que, contrariamente, censurava o regionalismo dos arribaldes.

...mister, todavia, esse conjunto de contrastes, de paixões, de interesses em suma, para possibilitar ao tempo de Festa, na simplicidade de quasi cem anos, a sedução e a poesia que transparecem as suas crônicas.

Bem motivos havia para os alvoroços do

— A Festa está na porta —

No próximo
número de

NORDESTE

sensacional
concurso
literário

A GUARDEM!

Grandes Moinhos do Brasil S. A. "Moinho Recife"

Farinha de Trigo e Rações
Balanceadas para Animais

— FONOS: 9015-9017 —

RECIFE

PERNAMBUCO

DOS TITULOS invocados pelos espanhóis para a conquista dos seus domínios

(Continuação da página 3)

humano, afim de que todos os homens lhe rendessem obediência, sem escolha de lugar em que nascesssem, ou de religião em que fôssem doutrinados, submetendo a esse intento a terra inteira à sua jurisdição, e ordenando-lhe de assentir a residência em Roma, que em verdade é o lugar mais azado para a governação do mundo. E por igual lhe prometeu e conferiu o poder de dilatar e estender a sua autoridade por todas as partes do mundo, onde mais quisesse, e de avassalar e julgar todos os cristãos, mouros, judeus, idólatras e quasequer outros povos de qualquer seita ou crença que ser podesse. A este foi dado nome de Papa, que tanto monta como dizer — admirável, grande, pae e tutor, sendo que com efeito é o pae e regedor de todos os homens. Os que viveram no tempo deste sanctissimo padre o confessavam por seu rei e senhor, e como a tal, lhe obedeciam transmitindo-se essa obediência a todos que lhe sucederam no pontificado, como ainda hoje continua, e continuará até a consumação dos séculos. E um destes soberanos pontífices, como senhor universal da terra, fez mercê e doação destas ilhas, e da terra firme do oceano, a SS. MM. CC., os sereníssimos reis de Castela, D. Fernando e Dona Isabel, de gloriosa memória, e a seus sucessores, nossos soberanos, como tudo quanto nelas se achasse, como tudo vem expresso nos autos que vos serão mostrados, se o desejardes. Assim que, e em virtude da sobredita doação, é S. M. rei e senhor destas ilhas, e da terra firme, sendo que por tal o aclamaram e reconheceram as maias das ilhas a que se deu conhecimento dos ditos autos e títulos, e nessa qualidade de seu senhor legítimo que é, lhe rendem preito e menagem, de muito bom grado e sem nenhuma oposição. E como os ditos povos foram inteiros de sua vontade, para logo se conformarem, com ella, recebendo a instrução e doutrina que lhes ensinaram.

EVOCAÇÃO DE BILAC
 (Continuação da 1a. pag.)
 O assumto. Pois, Bilac começa a descobrir outro amor —
 Conheço um coração, tapera escura,
 casa assombrada onde andam penitentes
 sombras...
 É uma linguagem que não se ouvira
 ainda em nossa lírica. E que intenta a ex-
 pressão de comunhões humanas mais pro-
 fundas:

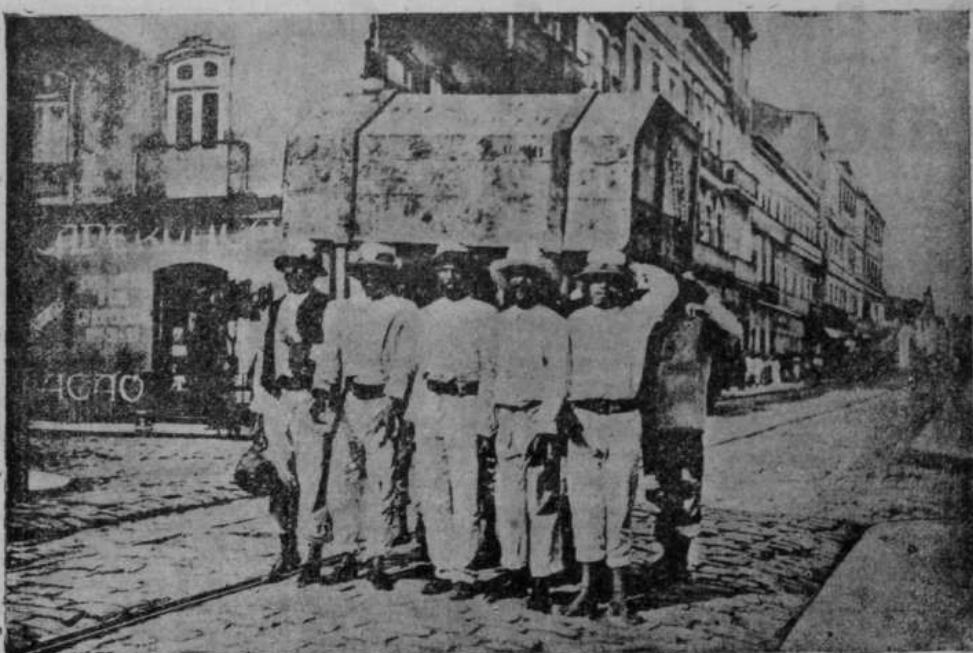
Penso, às vezes nos sonhos, nos amores,
 que inflamei à distância, pelo espaço;
 penso nas ilusões do meu regago
 levadas pelo vento a alheias dores...

O poeta ignora a conclusão de tudo isso. Sabe apenas que ai vem a morte. E o seu canto se faz cada vez mais poderoso à medida que desonta o mistério, mordendo e empolgante como o mar:

Sinto, às vezes, à noite, o invisível cortejo
 de outras vidas, num cíos de clarões e
 gemidos:

vago tropel, vojar confuso, halito e beljo
 de coisas sem figura e seres escondidos...
 Miserável, percebo, em tortura e desejo,
 um perfume, um sabor, um tato incom-
 preendidas

e vozes que não ouço, e cores que não vejo.
 um mundo superior a meus cinco sentidos.
 A morte não lhe será, portanto, "a loba
 que devora os sonhos" de outro poeta cuja
 poesia tem, no entanto, acentos bem menos
 pagãos e sensualistas que a sua. Seu coração
 não se retrai nem se intimida — seja ao con-
 siderar-se "feliz porque nasci, feliz porque
 envelheço", seja ao dizer que



Um flagrante muito comum, até bem poucos anos, nas ruas do Recife: carregadores de piano, que geralmente trabalhavam cantando

OS PROBLEMAS DO AÇUCAR E A ECONOMIA PERNAMBUCANA

(Continuação da pág. 8a.)

Porém se recusasse, ou dilatasse maliciosamente a obediência devida à presente instituição, nesse caso, com ajuda e favor do Todo-Poderoso, entraria forçosamente por vossas terras, e vos faria cruelíssima guerra, até de todo reduzir-vos à obediência da igreja d'el-rei, arrabafando vossas mulheres e filhos para se venderem como escravos, ou deixando-os dispor como aprovou S. M., tomado-vos todos os bens e fazendo-vos todo o mal e hostilidade, quanto em mim couber, como a subditos rebeldes e levantados. E já daqui proteste que todo o sangue derramado, mais desgraças que sucederem por razão de vossa desobediência, nunca jaunis se impuntem senão a vós mesmos e não a S. M. nem a mim, nem a nenhum

dos subditos de SS. MM. que servem debaixo de minhas ordens. Em fé do que, e para a todo tempo constar, tendo-vos feito esta intimiação e renúncia.

(Continua no próximo número).

cante do nosso tempo é a interdependência econômica internacional. Vale salientar que o nível de vida, de cada povo depende — em grande parte — da sua habilidade para vender e produzir o máximo e incentivar o intercâmbio comercial entre as nações,

pois, o fato mar-

tam, mais e mais pelo excesso de nossa produção de açúcar.

Só assim, contribuiremos de maneira eficiente para a recuperação econômica do país".

(Do JORNAL DO COMMERCI, de Pernambuco).

DICIONÁRIOS ESCOLARES

INDISPENSÁVEIS AOS ESTUDANTES

Pequeno Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa

De acordo com a reforma ortográfica definitiva.

É o primeiro dicionário destinado ao Brasil, o elaborado com espírito práctico e moderno. Tem que se lembrar que é só um dicionário, que bruta de pena dos novos escritores, se é nos jornais e se ouve no lar, nas ruas, os campos e por toda a parte.

Pequeno Dicionário Inglês-Português

por Nuno Smith de Vasconcelos

Com cerca de 40.000 palavras modernas, expressões idiomáticas e termos técnicos que não se encontram em nenhum outro dicionário de sua classe. Recomendado a todos aqueles que desejem escrever corretamente a língua inglesa.

Pequeno Dicionário Latino-Português

Organizado por um grupo de professores Redatto por Fernando de Azevedo

Foi especialmente feito para os estudantes de ginásio e colégio, apresentando o essencial para a compreensão dos textos latinos. Definições rigorosas em todos os sentidos correntes aos autores clássicos, devidamente registradas.

Pequeno Dicionário Espanhol-Português

por Idel Becker

Com cerca de 50.000 vocábulos, hispano-americano, vocabulário castigo, de gíria e neologismo. Termos técnicos de medicina, direito, filosofia, ciências naturais, mecânica, etc. O mais completo até hoje publicado no Brasil.



Os Engenhos, Suas Senzalas E Suas Lendas

De Luiz Torres

O Nordeste é a região do Brasil que mais atrai e seduz as atenções de quantos o procuram visitar: as praias com as toscas jangadas; as barcaças com as suas velas muito alvas; a poesia e o romance dos seus recantos; a musa dos seus poetas; o consumo de sua gente; e mais ainda, os engenhos com as suas senzalas e o mistério de suas lendas.

A cultura da cana do açúcar para aqui veio transportada das longínquas terras do Portugal, lá pelas primeiras décadas do século XVI; ela marca o início de uma civilização que com o correr dos tempos continua sendo a mesma; nem mesmo a febre do modernismo embargou a desmanchou; aqui nasceram e floresceram povoações e aldeias que hoje são grandes metrópoles do Nordeste; a cada de cana tornou-se uma tradição desde aquelas épocas e o engenho ai está com a sua senzala e os seus mistérios.

No ambiente místico do indio, do negro e do branco, o engenho estacionou, deixando-se rodear pela credencia meio fetichista do povo, pelas lendas e pelas assombrasões; umas trazidas da África e qui já tão nordestinas como o mandacaru, e outras nascidas na própria alma do gentio, no sentimento regional, saídas de corações que bem interpretam a ingenuidade interpretam a ingenuidade do primitivo povo dessas regiões.

O engenho é como um vilarejo no meio da mata, vivendo na verdura de seus canaviais e na limpidez das águas dos riachos que aqui e acolá se infiltram no meio dos pés d'ecana. A casa grande é onde reside o seu senhor; um pouco atrás, como uma puchada, fica a senzala, onde outrora dormiam os escravos. A casa da moagem é um pouco afastada; e de um lado, na encosta de uma colina, fica o curral com as suas cabeças de gado. Não lhe falta, porém, a pitoresca casa de farinha para aproveitar a mandoia dos riodos; e também um terreiro para brincadeiras e

festas de cavalhadas e vaquejadas. Um açude, servido para salvaguardar os moradores da região em caso de seca e, ainda mais, para a irrigação dos verdes canaviais.

A vida pelas redondessas é bem agradável; respira-se um ar cheirando a calda, a cachaça, a rapadura e a mel novo. O silêncio é grave, penas quebrado pela ruada da corriera lenta do carro de boi que passa pela estrada, por caminhos rudes, em busca da cana.

A moagem tem o seu tempo, processando-se nos primeiros meses do estio, quando a fartura faz batear tudo, e quando o matuto vê o fruto do seu trabalho nos longos dias de um inverno rígido; não é somente a caiadinha que dá muito dinheiro; não, o feijão, a macacheira e os legumes além de servir para a alimentação caseira, arranja alguma coisa para cobrir prejuízos se por ventura houver.

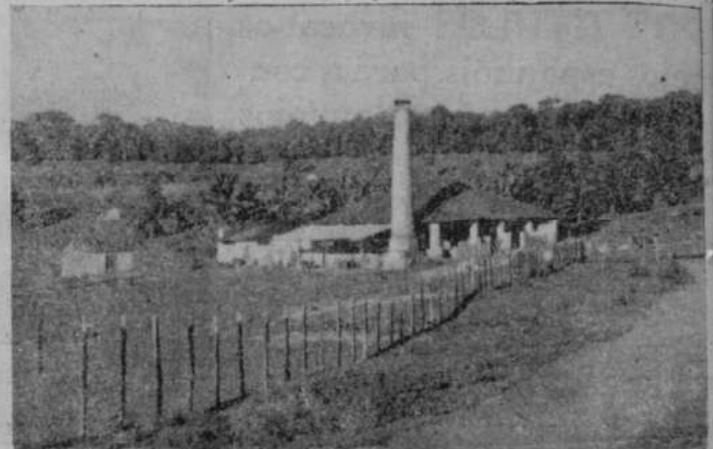
Já pela tarde, no crepúsculo, quando a natureza convida o mundo para minutos de meditação, aquela gente se recolhe na escuridão de uma noite incerta enquanto as assombrasões e os mistérios invadem a amplidão daqueles recantos.

Aqui e acolá se reúnem grupos; discutem sobre assuntos relativos à agricultura, à pecuária. Vem a tona um crime e acontecido há dias passados e no qual um senhor de engenho perdeu a vida... Foi assaltada tal fazenda e o delegado ainda não conseguiu descobrir os ladrões... A feira do gado estava muito animada, foram feitos grandes negócios; é pena que não tenha podido comprar o touro holandês; o mestre pediu muito caro e o cobre era pouco...

As vozes sempre estão rodeadas pelos seus netinhos, pela meninada alegre e satisfeita dos engenhos; elas querem ouvir as lendas e as histórias cujos ecos deixaram rastros profundos na alma daquela gente; tão profundos que aumentam a superstição de um povo que adora idólos, crê na divindade de um

feiticeiro e no poder de um curandeiro. A "caipóra" vive lá pelas florestas a perseguir caçadores sem ser vista; ela é a rainha das "caatingas" e senhora poderosa dos campos; não deixa ninguém entrar no seu "reinado" e as vezes abre mão para aqueles que lhe presenteariam uma rodinha de fumo...

O "lobisomem" com a sua história serve para meter medo a criançada trelosa, que não fica alegre, somente, com as traquinagens praticadas durante o dia... Aquele menino que está um pouco pensativo já levou uma boa carreira de uma vis-



Engenho do Nordeste, rodeado de mata e fabricando o mel novo e o açúcar preto

de; é bonita como uma princesa; de quanto em escravo, que já morreu a um dia de festa. O recorrido quando desaparece gente: foi ela que a roubou lá pra dentro daquela água funda. Os garotos escutam essas histórias com o olhar falso...

com a assombração de um membro de sua família é de quanto em escravo, que já morreu a um dia de festa. O recorrido quando desaparece gente: foi ela que a roubou lá pra dentro daquela água funda. Os garotos escutam essas histórias com o olhar falso...

A mulher mais velha tem sempre o nome de sinha

membro de sua família é de quanto em escravo, que já morreu a um dia de festa. O recorrido quando desaparece gente: foi ela que a roubou lá pra dentro daquela água funda. Os garotos escutam essas histórias com o olhar falso...

O almôço é mais gordo e diferente dos outros dias. Os violões são afinados e as toadas e os desafios acompanham aquela barulhada durante o resto da noite.

Dia de feira todo mundo sai; no engenho não fica quase ninguém. Eu me lembro quando passei alguns meses nas proximidades de Cariacé; na segunda-feira, ficava deserto, o povo ia todinho para a feira de Itambé, que era tão grande que chegava a se espalhar pelas ruas de Pedra de Fogo; aproveitavam e iam beijar a mão do padre Júlio, vigário daquela cidade. A tarde todos voltavam, cançados, tinham muita coisa para contar o que viram e ouviram, alguma novidade, enfim, de compadres que só se encontram uma vez por semana, pois moram distantes: uns no Cariacé, outros no engenho Jardim, de dona Toinha...

Tudo isso se vê e se sente nos engenhos do Nordeste.

Camarasaú, Morojó, Flores, Penedo, são nomes de engenhos que bem traduzem o sentimentalismo do nosso povo matuto; cada nome é uma lenda onde se desenrolam mistérios que vagueiam não muito longe daquelas parágrafas.

Limocirinho, foi o primeiro pé da "pau" que se plantou naquela vila da zona da mata, e lá está engenho moendo a cana fabricando o mel novo...

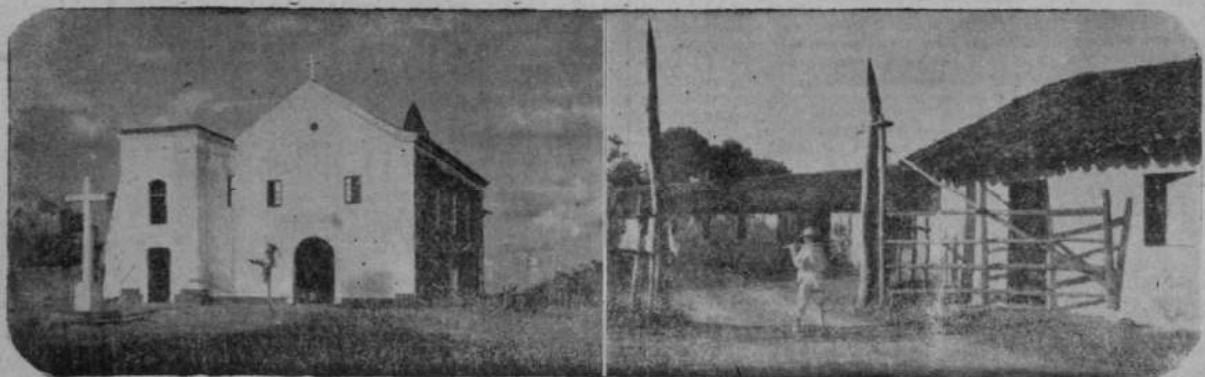
Ai está, leitor amigo, uma parte do Nordeste com os seus engenhos, suas senzalas e suas lendas. Rodeada de assombrasões, a casa grande lá está com o seu senhor desafiando os mistérios e os segredos das "caatingas"; a senzala fazendo reviver os negros dias da escravidão; e as lendas de boca em boca sobrepondo os obstáculos de um coração realista...



No meio do canavial, por entre caminhos estreitos, passa o carro de boi guiado por seu carro...

gem e pensou que fosse o cante de curiosidade e re- Marica; ela gosta muito de o bicho papão; ele nunca fletem em suas fisionomias fazer bico de renda; pa- mais se mete a cometer o bom gosto das narra- valentias; depois do susto ções. E assim no meio da virou um anjo. Um desses quella atmosfera lendária almofada.

os meninos vão se criando O aniversário do senhor dias a "mãe d'água" este- se assustando até mesmo do engenho ou de algum



Capelinha de Engenho, com altar enfeitiçado pelos bicos de renda que sinhá Marica fez na porta de sua morada

A senzala onde se conta a lenda da "caipóra", do "lobisomem" e da "mãe d'água"